



PLANO APOSTÓLICO DA NOVA UNIDADE | VPFORTALEZA – PGOIÁS - VPRECIFE |

*“A própria nomenclatura, Plano Apostólico, coloca em relevo a compreensão sobre o sentido da Vida Apostólica que emana de nossas Constituições. Por isso, ele **assume uma perspectiva exodal**, não se resumindo ao serviço que devemos prestar àqueles a quem somos enviados, mas também pressupondo de cada redentorista **uma anterior conversão espiritual, missionária e pastoral.**”*

Plano Apostólico da CRALC |

CONGREGAÇÃO DO SANTÍSSIMO REDENTOR
BRASIL

Caros confrades, estimadas irmãs e queridos leigos associados.

Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nos apresenta um propósito que pode marcar o lançamento desse nosso Plano Apostólico para a nova unidade da Congregação que estamos construindo juntos, no Brasil, como convergência histórica da caminhada dos grupos missionários de Fortaleza, Goiás e Recife: *“Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo povo, não se pode excluir ninguém; assim foi anunciado pelo Anjo aos pastores de Belém: ‘Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo’ (Lc 2,10). (EG, 23).*

A urgência do anúncio da Copiosa Redenção e a realização dessa missão com qualidade aferida pelo crivo de nossa tradição redentorista têm sido as turbinas que, até agora, leva adiante o movimento de reestruturação e de reconfiguração na Congregação. Já foi dito e repetido em nossos encontros que todo esse esforço tem como objetivo único a atualização e a eficácia da nossa missão. Qualquer outro elemento que pretender tomar o centro da cena será um sinal para uma constante correção. Por causa disso e em vista de assegurar essa centralidade é que nos reunimos em Trindade (GO), no final do mês de outubro de 2021, depois de um longo processo de preparação, para aprofundar e indicar esse texto do nosso Plano Apostólico que apresentamos com grande alegria e renovada esperança.

O anúncio, razão de nossa missão, precisa ser feito *“em todos os lugares, em todas as ocasiões”*. Essa advertência do Papa Francisco nos diz muito do projeto de evangelização realizado pela Congregação nos últimos 289 anos. A vida comunitária, o cultivo da nossa espiritualidade, o respeito pela legislação interna, a organização material e econômica e qualquer outra legítima dimensão de nossa reorganização como Província dependerá do grau com que (re) assumiremos a missão em todo o tempo e em qualquer lugar que sejamos chamados para viver e atuar. Essa atitude vai nos dar a possibilidade de estar disponíveis para os desafios que nos serão apresentados desde a convivência com pessoas com as quais não tínhamos contatos anteriormente, passando pelo processo de discernimento sobre o trabalho apostólico até chegar ao que verdadeiramente é imperativo: o coração e a vida dos pobres e abandonados nesse mundo ferido.

“Não se pode excluir ninguém”, diz o Papa ao se referir aos destinatários de nossa obra missionária. O Plano Apostólico é a nossa resposta a essa recomendação porque nele procuramos olhar e identificar o mundo que nos foi confiado, interpretando seus desafios à luz da caminhada da Igreja e da Congregação, elaborando diretrizes principais para o agir missionário e destacando linhas de ação e prioridades. Nesse texto procuramos guardar uma vigilância muito especial para com o que já foi enunciado no Plano Apostólico dos Redentoristas na América Latina e Caribe e, naturalmente, o que conseguimos refletir nos últimos anos tanto na vice província de Fortaleza, na Província de Goiás e na vice província de Recife.

Queremos realçar a alegria vivida em todo esse processo. Não obstante a existência das naturais e fundadas resistências, nossos confrades, responderam com seriedade ao processo de composição do Plano Apostólico criticando, apresentando sugestões e ajudando na formatação do texto. E de todos se recolheu um sorriso de acolhida e de surpresa interessante com todo o caminho que estamos percorrendo para nos tornar uma nova unidade. A alegria que se traduziu

em compromisso com os prazos, bondade na acolhida para os encontros, convivências agradáveis, e o brilho nos olhos que se verificou no rosto de cada um ao contemplar as maravilhas que o Redentor está realizando em nosso meio.

Agora, nos parece, que na verdade, começa a realização de uma tarefa indispensável: tomar o texto nas mãos, ainda que imperfeito e parcial, e retirar dele as indicações necessárias para continuar a movimentar a nossa missão. Respeitando suas indicações centrais, acolhendo suas inspirações em diversos campos do nosso agir missionário e alicerçando as decisões em todos os outros campos da nossa reconfiguração a partir desse marco de referência representado pelo Plano Apostólico. É para melhor realizar a missão redentorista no Brasil que estamos transformando estruturas.

Agradecemos aos confrades que nos ajudaram nessa trajetória de elaboração do texto como também a todos os outros que participaram desse caminho rezando, colaborando, torcendo, se alegrando com a nossa caminhada conjunta. Nesse tempo em que, toda a Igreja, respira a atmosfera da sinodalidade, foi bonito ver que somos capazes de caminhar juntos ainda que venhamos de tradições diferentes. Nos alegramos com o que o Espírito nos proporcionou no entendimento do que o Redentor nos revela da vontade do Pai Eterno.

Confiamos o estudo, o aprofundamento e a execução desse nosso Plano Apostólico aos confrades das três unidades que se unem para formar uma nova Província no Brasil e pedimos a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Mãe do Belo Amor, que nos acompanhe, nos proteja e nos ajude a fazer *“tudo o que nos disser”* Jesus Cristo, nosso Redentor.

Pe. Julio Ferreira, CSSR
Pe. Andre Ricardo de Melo, CSSR
Pe. Luiz Vieira, CSSR

SUMÁRIO

Objetivos

Primeira Parte

(RE) CONHECER UMA REALIDADE COMPLEXA

Lugar da missão

Dados básicos

Geografia

Economia

Política

Nosso povo

Aspectos culturais

Feridas

Empobrecidos

Desemprego

Socioambiental

Violência racial e de gênero

Violência contra povos originários

População de rua invisível

Migrantes

Trabalho escravo

Tráfico de pessoas

Fundamentalismos

Existenciais

Lgbtqi+fobia

Outras feridas

Estruturas da Igreja

Regionais da CNBB

Regionais da CRB

Nossa presença

Vice-Província de Fortaleza

Província de Goiás

Vice-Província do Recife

Característica transversal

Um mundo mediatizado

Segunda Parte

INTERPRETAR

UMA REALIDADE COMPLEXA

Fidelidade ao Redentor

Magistério

Papa Francisco

Igreja no Brasil

Regionais da CNBB

Palavra da CRB.....

Nossa visão

Conferência
Plano de Reconfiguração da Nova Unidade

Nossa Espiritualidade

Memória

Interpretação da verdade no mundo mediatizado

Terceira Parte

DIRETRIZES PARA A AÇÃO
MISSIONÁRIA NO MUNDO FERIDO
Conversão, criatividade e solidariedade

SUGESTÕES DE DIRETRIZES

Papa Francisco

Transformação missionária da Igreja
Motivações para renovado impulso missionário

CNBB

Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

Nossas unidades

Missão digital

Quarta Parte

LINHAS DE AÇÃO APOSTÓLICA
NA NOVA UNIDADE
Novos caminhos

Oito linhas em destaque

- [1] Exigir fidelidade do Governo ao Plano Apostólico
- [2] Evangelizar como comunidade apostólica
- [3] Apostar na formação continuada
- [4] Avaliar os trabalhos tradicionais
- [5] Fomentar a audácia apostólica
- [6] Comprometer-se com a caridade social
- [7] Trabalhar em rede
- [8] Promover a alegria

Prioridades missionárias e apostólicas

Considerações finais

Somar forças onde estamos
Lugares autênticos de missão
Desafio da capital da República
População de rua
Pregação de retiros

Pastoral digital

OBJETIVO

Oferecer sempre o anúncio da abundante redenção em Cristo, por meio da pregação explícita, da caridade evangélica, da benignidade pastoral e da solidariedade missionária; a partir da identidade e do carisma da Congregação do Santíssimo Redentor, para fazer o Evangelho chegar aos mais abandonados e pobres, como mensagem de salvação, misericórdia, esperança e libertação integral em nossa Casa Comum.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Traduzir, com termos mais diretos, para a realidade própria da nova unidade, as linhas-mestras do magistério da Igreja, do Plano Apostólico da Conferência dos Redentoristas da América Latina e Caribe, da Igreja no Brasil e da caminhada apostólica amadurecida nas três unidades que agora convergem para um único grupo.
- Fomentar, com cuidado e respeito, um caminho novo que não ignore a estrada percorrida na marca histórica das três unidades que convergem para a nova unidade.
- Observar, com dedicação, a missão que realizamos em todos os espaços ocupados atualmente e apreender elementos capazes de nos ajudarem a discernir sobre decisões a respeito do que permanecer, do que deixar e para que lado caminhar.

(RE) CONHECER UMA REALIDADE COMPLEXA

Lugar da Missão

DADOS BÁSICOS

Geografia

1. Nossas três unidades da Congregação do Santíssimo Redentor no Brasil estão presentes, territorialmente, em três regiões: Centro-Oeste, sem o Mato Grosso do Sul, todo o Nordeste, excetuando Bahia e uma parte muito pequena, no estado do Tocantins, que está na região Norte. No seu conjunto, no entanto, é um mundo de mais de 2 milhões e meio de quilômetros quadrados. É como se, pela extensão, tivéssemos que evangelizar a Itália inteira, descontando que lá vivem três milhões a mais de pessoas em relação ao número que temos em nosso território missionário. A população que podemos considerar como “nossa” forma um povo de um pouco mais de 57 milhões de pessoas. O que significa pouco mais de 27% da população brasileira.
2. Considerando apenas as sedes de nossas unidades, temos cidades que estão nas seguintes posições do ranking brasileiro das mais povoadas: Fortaleza, com 2,687 milhões de habitantes (2020), a quinta cidade brasileira mais povoada; Recife, com 1,555 milhões (2012), está em nono lugar entre as mais povoadas do Brasil; Goiânia, com 1.536 milhões (2020) está em décimo lugar em população no quadro das maiores cidades do Brasil. Além disso, apesar de não serem sedes, em nosso território apostólico temos capitais como Palmas, com 306.296 mil (2020); João Pessoa, com 817.511 mil (2020), Teresina, com 868.075 mil (2020); Natal, com 890.480 mil (2020); e São Luís, com 1,109 milhões (2020). Esses dados, arredondados, são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
3. Além das grandes cidades que apontam para um tipo próprio de apostolado, amplamente refletido pela Igreja, em nosso território, temos comunidades plantadas em pequenas cidades, com uma realidade bem diversa das grandes cidades, em vários estados: Alagoas, Ceará, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Mato Grosso, Sergipe, Tocantins e Distrito Federal.

Economia

4. Seis dos estados nordestinos cresceram acima da média, resultado influenciado pelas principais atividades econômicas da região: agropecuária, serviços, indústria e turismo, segundo dados fornecidos pelo Instituto de Ensino Superior UNIME, de Lauro de Freitas, na Bahia. A mesma fonte apresenta o seguinte quadro: a Zona da Mata, por exemplo, tem grande extensão litorânea, além de ser uma região onde se encontram seis das nove capitais nordestinas. Essas características beneficiaram o crescimento de atividades relacionadas à prestação de serviços. A pesca, muito praticada e considerada parte da cultura, também é responsável pela geração de centenas de empregos nas localidades.

5. O Sertão, por sua vez, contou, na história do período colonial, com clima e vegetação propícios à produção de gado. Isso foi, aos poucos, sendo percebido como vantajoso à economia, tanto é que o investimento na atividade persiste ainda hoje. Já o Agreste foi uma região auspiciosa à organização de médias e de pequenas propriedades familiares. Isso facilitou o desenvolvimento da agricultura, assim como a pecuária no Sertão. A oportunidade para a agropecuária também colaborou para o desenvolvimento de indústrias, principalmente as de laticínios, couro e carne. Outro fato colaborativo para o setor industrial foi a boa produção de petróleo em algumas localidades. Em contrapartida, destaca-se também a agricultura familiar que vem reinventando-se e apresentando sempre uma dinâmica de novas estratégias entre seus atores locais (camponeses, técnicos e responsáveis políticos), e as formas criativas de organização social e espacial, locais e regionais.
6. Em relação ao Centro-Oeste, pode-se dizer que *“a partir da segunda metade do século XX, ganhou destaque por abrigar Brasília, a nova capital da República, e por ter se transformado em ‘celeiro nacional’, devido à maciça ação estatal que induziu um modelo de ocupação próprio”*, segundo estudo de Marília Steinberger, professora de Geografia Política da Universidade de Brasília. Ela também afirma: *“em Goiás, estado com maior diversificação econômica, o subsistema centro-noroeste, [é] responsável pela mais importante concentração industrial e de serviços, localizada em Goiânia e Anápolis; e o sul, ligado à agropecuária comercial, comandada, em primeiro plano, por duas cidades extrarregionais, Uberlândia e Ituiutaba, e, apenas secundariamente, por Rio Verde e Itumbiara”*.
7. No Mato Grosso, estamos presentes na Diocese de Barra do Garças, em Nova Xavantina, e na Prelazia de São Felix do Araguaia, na Região do Baixo Araguaia. Essa região, localizada no nordeste do estado de Mato Grosso, é uma transição entre os biomas do Cerrado e da Amazônia, com uma área de mais de 116 mil quilômetros quadrados composta por quinze municípios e uma população estimada em mais de 143 mil habitantes, mas com uma densidade demográfica baixa. A Região possui uma rica diversidade socioambiental e cultural por apresentar em seu território a presença dos seguintes povos: indígenas, Comunidades Tradicionais como quilombolas, ribeirinhos, retireiros do Araguaia; camponeses e agricultores familiares. Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), houve uma melhora significativa nos últimos anos, situando-se 0,651 (mínimo) e 0,692 (máximo). Todavia, a região continua apresentando bolsões de pobreza principalmente nas zonas periféricas dos municípios anteriormente citados. Lembrando que o IDH, apesar de ser o índice mais usado nas análises publicadas no Brasil, porque considera as variáveis saúde, educação e renda, esconde a terrível situação de concentração de renda e da desigualdade social já que traz uma média numérica produzida entre pouquíssimos muito ricos e uma multidão de pobres.
8. Brasília é um caso à parte. Uma das mais importantes características econômicas é representada, segundo o site Economia de Serviços, pela participação da Administração Pública, de 44,6% no Produto Interno Bruto (PIB), que advém de seu caráter de capital federal do Brasil; sendo sede do governo central, dos ministérios e de todos os organismos supremos da administração do Estado. Uma consequência de ser uma região construída para ser um centro provedor de serviços públicos é possuir uma economia de serviços que atua de forma direta ou indireta na complementaridade desses serviços. Esse é um dos motivos pelos quais o setor continua a ser preponderante na economia.

Política

9. A política nada tem a ver com uma apresentação neutra, amorfa, alienada. Pensa-se, na realidade, que a política repercute nas transformações sociais. As transformações estruturais no tecido social e cultural, aquelas mais profundas, só irão acontecer com o avanço da consciência e da organização das pessoas em prol de uma prática político-social no mundo, no qual esta seja capaz de questionar as formas de perpetuações das estruturas de poder e de legitimação das injustiças. É importante compreendermos as estruturas dominantes em nosso país para adquirirmos a consciência de que a vida plena para todas as pessoas se alcança no cotidiano junto com o povo, sentido suas alegrias e dores, apoiando suas lutas e delas participando.
10. Somente indicar prefeitos, vereadores, deputados, senadores, governadores e presidentes nas urnas não vai adiantar. Sejam eles sujos ou limpos, já estão comprometidos com o sistema de dominação que impera em nosso país. Embora haja boa vontade de alguns em apoiar as causas populares, a instituição político-partidária vigente, corroída e em estado de falência, os deixa engessados. O que temos feito ao longo dos anos, nas urnas, é empoderar pessoas que se dizem nossos representantes. Contudo, é preciso reconhecer que o voto tem seu limite. Isso porque há toda uma estrutura política historicamente erigida para bloquear a participação do povo nas decisões mais importantes e assim fazer com que se perpetuem modelos de exploração e concentração de renda e privilégios em grupos selecionados. As transformações necessárias não acontecerão sem a união, a organização e a participação dos empobrecidos, excluídos e abandonados que temos como primeiros destinatários da missão.
11. Na Carta Encíclica *Laudato Si* (2015), o Papa Francisco diz que *"a grandeza política se mostra quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo [...] Respondendo a interesses eleitorais, os governos não se aventuram facilmente a irritar a população com medidas que possam afetar o nível de consumo ou pôr em risco investimentos estrangeiros."*
12. Para Frei Beto, frade dominicano, *"a política deve se pautar por valores que, em geral, coincidem com os valores das propostas religiosas, como direitos dos excluídos, vida para todos, partilha de bens, poder como serviço, e outros. Sem esses valores, a política vira politicagem, e a corrupção produz a inversão que prioriza o pessoal ou o corporativo em detrimento do social e do coletivo. Seja qual for o modo de o cristão viver seu compromisso evangélico, ele sempre terá consequências políticas. Pode sacralizar a desigualdade social ou favorecer a sua erradicação."* É imperioso que não neguemos os efeitos da estrutura da necropolítica em nosso país: a negação do estado de direito, da democracia e a quebra das políticas públicas de assistência social ao povo brasileiro, especialmente ao povo pobre.
13. A Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 expressou a dolorosa realidade do tecido social: *"momentos de tensões e conflitos"* (CFE, n.40), violência (CFE, n.7) e crises (CFE, n.46-56). Se, desde 2008, sofremos com a crise econômica que *"levou milhões de pessoas à pobreza"* (CFE, n.48), de crise em crise, chegamos ao seu momento mais dramático, com a pandemia da Covid-19: discriminação, violência, xenofobia, feminicídio, desigualdades, desemprego, racismo, fome e mortes. No Brasil, em 2020, quase metade da riqueza do país foi apropriada pelo grupo 1% mais rico, como revela o Credit Suisse. A concentração da riqueza se intensificou ainda mais durante a pandemia

da Covid-19. Os problemas sociais não são obra do acaso, mas algo orquestrado pelos donos do poder, como demonstra a reforma trabalhista e a da previdência: direitos historicamente conquistados pela classe trabalhadora, agora destruídos. Se os direitos são retirados do povo, é entre povo também que se dá a maior quantidade de mortos pela Covid-19. Pesquisa realizada em São Paulo, pelo site Medida SP, confirma que 66% das mortes por Covid-19 dão-se em famílias com renda familiar de até três mil reais. A principal comorbidade, aponta essa pesquisa, é a classe social.

14. Em se tratando de política partidária e de eleições, vale a pena, perceber, mesmo sendo um recorte, o que acontece em nossas regiões. Estudiosos responsáveis pelo Dossiê de Oligarquias do Nordeste no Brasil, publicado na revista NEP, de Curitiba (PR), em 2019, ponderam: *"Na região Nordeste, apesar de certo grau de institucionalização dos partidos, a presença de longos ciclos políticos e continuidade de tradicionais oligarquias permaneceu como característica de seus subsistemas eleitorais"*. Nas eleições municipais de 2020, o PP (Partido Progressista) elegeu o maior número de prefeitos no Nordeste. Nas capitais, o PSB (Partido Socialista Brasileiro) e o PDT (Partido Democrático Trabalhista) conseguiram eleger, cada um, dois gestores municipais. Já o DEM (Democratas), o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o Podemos conquistaram, cada um, o comando da sede de um estado.
15. Segundo avaliação da revista Piauí, com base em dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2018, o PT (Partido dos Trabalhadores), que elegeu quatro governadores, em certa medida confinou o partido na região, e os dados da eleição refletem esse movimento. O PT intensificou sua presença no Nordeste. Na eleição municipal de 2016, a cada 20 candidatos do PT, cinco eram de estados do Nordeste. Na eleição de 2020, a cada 20 candidatos, sete eram do Nordeste. Nos estados de Goiás, Mato Grosso e no Distrito Federal, a situação a partir da presença partidária na administração pública está desenhada da seguinte maneira: nos 246 municípios goianos, os cinco partidos com maior número de prefeituras são: DEM, PP, MDB, PSDB e PDT. O PT apostou em 17 municípios e ganhou em apenas três localidades, o mesmo número que tinha no mandato anterior. No Mato Grosso, nos dois municípios em que atuamos, o poder está dividido entre o PL (Partido Liberal) e PP.
16. Apesar de as políticas e eleições partidárias terem parcial importância para setores sociais excluídos em nossas regiões, tais políticas são insuficientes. Não podemos nos iludir em pensar que este ou aquele grupo partidário será o salvador político das dores, mazelas e carências sociais. É preciso consciência e participação de todos os setores para não serem lesados nos seus direitos, mas resguardados na sua dignidade como cidadãos e, principalmente, como filhos de Deus.
17. Na *Laudato Si*, o Papa Francisco nos dá algumas pistas de ação: *"as prioridades devem ser a erradicação da miséria e o desenvolvimento social dos seus habitantes; ao mesmo tempo devem examinar o nível escandaloso de consumo de alguns setores e contrastar melhor a corrupção"* (n.172). A pressão populacional se faz necessária *"quando o direito se mostrar insuficiente, devido à corrupção"* (n.179). *"Se os cidadãos não controlam o poder político - nacional, regional e municipal -, também não é possível combater os danos"* (n.179). A presença, a reflexão e a contribuição evangélico-social redentorista para os povos, principalmente para os abandonados, pobres e excluídos sociais, é de fundamental importância. Assim, junto ao povo de Deus que constitui nossas comunidades, nos implica a missão de sensibilizar, *"estabelecer diálogo, visando ao*

cuidado da natureza, à defesa dos pobres, à construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (LS, n.201).

NOSSO POVO

Composição etária

18. Um levantamento divulgado pelo IBGE, no início de 2020, mostrou que a tendência de envelhecimento da população se mantém no Brasil. Em 2019, o número de pessoas com mais de 60 anos no país era superior em 6 milhões ao de crianças com até 9 anos de idade, e os analistas consideraram que um em cada quatro brasileiros terá mais de 65 anos em 2060. De acordo com a pesquisa, enquanto as crianças com idades entre 0 e 9 anos somavam 26,9 milhões, chegava a 32,9 milhões o número de idosos.
19. No Nordeste, pelo Censo de 2010, havia 14.077.788 pessoas com menos de 15 anos, contra 15.741.793 no ano de 2000, indicando uma continuidade na redução na taxa de natalidade. Essas alterações fizeram a proporção de jovens na população total passar, em termos relativos, de 32,97% para 26,52%, ao mesmo tempo em que a proporção de pessoas com mais de 60 anos atingiu 10,26%, ante 8,42% em 2000.
20. A região Centro-Oeste, no entanto, apresenta uma baixa porcentagem de idosos quando comparada às demais regiões brasileiras. Apesar disso, a porcentagem de idosos tem aumentado a cada ano. Em 1991, a porcentagem era de 3,3%; no ano 2000, de 4,3% e, no último censo, igual a 6,0% (IBGE, 2011).

Composição étnica

21. Segundo pesquisa do IBGE de 2018, a população do Nordeste autodeclarou-se da seguinte maneira: pardos (63,2%), brancos (24,6%), pretos (11,30%) e outros (0,9%). Segundo o censo de 2010, os estados com maior população branca são Pernambuco (36,6%), Paraíba (36,4%) e Rio Grande do Norte (36,3%); os com maior população negra, Bahia (16,8%), Maranhão (6,6%) e Piauí (5,9%); os com maior população indígena, Maranhão (0,9%), Bahia (0,3%) e Paraíba (0,3%); e os com maior população parda, Piauí (69,9%), Maranhão (68,6%) e Alagoas (67,7%). Dados oficiais podem enganar uma vez que não consideram a dificuldade, o preconceito internalizado e outras variáveis que podem estar presentes no momento em que um pesquisador pede uma declaração de cor de uma pessoa. O “pardo” é uma cor que, segundo o Dicionário, seria uma cor “morena clara ou escura, ou acastanhada”, o que, sob o ponto de vista de política afirmativa étnica, poderia ser de cor preta, ou como é convencionado dizer, no Brasil, negro.
22. O quadro étnico do Centro-Oeste, com informações de 2016, apresenta a seguinte composição: brancos 50,5%, pardos 43%, pretos 5,7%, indígenas e amarelos 0,8%. Apesar da representatividade menor, segundo informações dadas pela FIOCRUZ, a região Centro-Oeste possui um expressivo contingente populacional indígena com mais de 50 etnias diferentes, totalizando cerca de 110 mil indivíduos. O estado do Mato Grosso do Sul, onde estão presentes mais de 70 mil indígenas, é o segundo estado brasileiro com maior população indígena do Brasil. Em mato grosso, são 40 povos indígenas em números absolutos, aparecendo na lista com a sexta maior população, ficando atrás de Roraima (49.637), Pernambuco (53.284), Bahia (56.381) e Mato Grosso do Sul (73.295).

Estereótipos

23. É preciso conhecer, com mais propriedade, as duas principais realidades regionais com especial atenção a respeito das ciladas dos estereótipos. Para novatos na reflexão sobre o Nordeste, serve uma advertência de Aziz Nacib Ab'Sáber: *“Das velhas e repetitivas noções do ensino médio - herdadas um pouco por todos nós - restaram observações pontuais e desconexas sobre o universo físico e ecológico do Nordeste seco. Sua região interiorana sempre foi apresentada como a terra das chapadas, dotada de solos pobres e extensivamente gretados, habitada por agrupamentos humanos improdutivos, populações seminômades corridas pelas secas, permanentemente maltratadas pelas forças de uma natureza perversa. Muitas dessas afirmativas [...] são inverídicas e, sobretudo, fora de escala, constituindo o enunciado de fatos heterogêneos e desconexos, por um processo de aproximações incompletas”*.
24. Sobre o Centro-Oeste, a busca de conhecimento também precisa evitar narrativas já conhecidas e entender que não é apenas a terra dos sertanejos da mídia musical comercial. O professor Pablo Ortellado lembra: *“quando a gente vê a representação daquela região como uma região rural, voltada para o agronegócio, com uma cultura sertaneja muito forte, a gente tem que entender que aquilo pode até ser verdade, mas há outras coisas que não estão presentes nessa representação”*.

ASPECTOS CULTURAIS

25. Apesar de a abordagem comum colocar a cultura nordestina no mesmo balaio, há uma encantadora diversidade na região. Cada estado e cada microrregião interna traz aspectos ricos da manifestação cultural. Professor Durval Muniz, historiador da Universidade de São Paulo, diz: *“Temos que reformular o imaginário sobre o Nordeste a partir de outros aspectos. Reformular o conceito e reformular essas imagens”*. Sua proposta pede uma reflexão sobre o que ainda tem uma continuidade e o que precisa ser mudado. *“Mas, ainda assim, não chega ao real. Nordeste é diverso. A forma de falar em Petrolina é diferente da forma em Recife, por exemplo. Mas nas novelas da Globo vemos a mesma maneira de falar.”* Mesmo afirmando que, na reformulação, toda a riqueza do Nordeste não será abarcada, vale o questionamento: o que relacionamos com a região? *“O sertão, por exemplo, não é atrasado. Ele está em contato com as cidades. É informado, leva as aquisições tecnológicas até ele. O Nordeste é diverso. Diverso em todos os aspectos”*, diz o professor.
26. O Centro-Oeste, especialmente Goiás e Brasília, onde se encontram nossas comunidades apostólicas, encontra-se, culturalmente, muito além do que nacionalmente se costuma mencionar como um universo marcado pelas manifestações de uma subcultura representada pelos nomes do nicho musical do sertanejo apenas comercial. No projeto de elaboração do plano estadual de cultura do estado de Goiás, em 2013, os redatores reconheciam o seguinte: *“A posição geográfica do Estado propiciou uma grande mistura de povos, provenientes dos mais diferentes lugares do país. A cultura é constituída por uma grande diversidade de segmentos artísticos, principalmente no que se refere às culturas tradicionais, como as festas populares, a culinária, a música, o artesanato, entre outras”*.
27. É claro que um destaque, em termos de cultura, também deve ser dado à Romaria do Divino Pai Eterno. Isso se faz necessário pelo fato de essa romaria ter como protagonistas os membros de nossa Congregação. Há muitas manifestações da cultura popular que se agregam ao movimento evangelizador de Trindade. O Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) refere-se à festa do seguinte modo: *“Em devoção ao Divino Pai Eterno, os fiéis saem de diversas localidades de Goiás e de outros estados do Centro-Oeste e Sudeste e seguem até a cidade de Trindade para pagar promessas, buscar a paz, fortalecer a fé e agradecer pelas bênçãos recebidas”*.

FERIDAS

Empobrecidos

28. Poderia se resumir, em uma frase, que as feridas desse mundo estão concentradas no universo dos empobrecidos. Ricardo Paes de Barros, em artigo publicado na Revista Brasileira de Estudos Sociais, afirma que *“o processo histórico da sociedade brasileira sempre foi marcado por crescentes índices de pobreza e desigualdade social”* e a distância que separa os pobres dos ricos tem aumentado cada vez mais com a Pandemia da Covid 19. A população em situação de extrema pobreza aumentou significativamente, em decorrência do fato de que o *“ter e o poder”* se concentrem nas mãos dos enriquecidos, sobretudo em países de história colonizada, como é o caso do Brasil. Como profetizou Dom Frágoso, em *O rosto de uma Igreja* (1980), *“esse sistema blasfema contra Deus.”*
29. Em conversa com movimentos populares do mundo todo, tendo o primeiro encontro ocorrido em 2014, Papa Francisco pergunta *“se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos, nós, que este sistema impõe a lógica do lucro a todo custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza? Se isso é assim – insisto – digamo-lo sem medo: queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas”*. Nesse sentido, a presença, a reflexão e a contribuição evangélico-social redentorista aos povos, principalmente aos oprimidos, explorados e descartados por um sistema que mata, é de fundamental importância.
30. Na Encíclica *Fratelli Tutti*, Papa Francisco recorda o *“oportunismo da especulação financeira e a exploração, onde aqueles que sempre ficam a perder são os pobres”* (n.52). Há que se considerar ainda que o Brasil não é pobre, e sim um país cujo modo de organização social provoca diversas iniquidades sociais, tornando-se extremamente injusto e desigual. A pobreza responde por dois determinantes imediatos: a escassez de recursos e a má distribuição dos recursos existentes. Muito mais do que uma justa distribuição de renda, se faz necessário combinar democracia política com democracia econômica. Para nós, assumir a causa dos pobres significa assumir a solidariedade com os abandonados e crucificados da história, na luta contra o mistério do mal, da iniquidade, isto é, as estruturas de pecado social que descartam a vida dos pobres e os condenam a uma morte precoce.
31. Convencionalmente, os principais indicadores socioeconômicos usados pelos analistas são: Produto Interno Bruto (PIB), renda *per capita*, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Coeficiente de Gini (comumente utilizado para medir a desigualdade de distribuição de renda), taxa de desemprego e a oferta de serviços públicos. Para não ficarmos com o PIB que é mais geral e fortemente econômico, tomemos os indicadores do IDH para iniciar um caminho de conhecimento e reflexão sobre as feridas desse mundo representado pelo lugar de nossa missão como nova unidade da Congregação.
32. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o índice *“é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do*

desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do IDH foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento". Apesar de sofrer algumas críticas, o IDH é a melhor referência disponível atualmente para retratar a qualidade de vida de uma população estudada, sendo amplamente utilizado tanto por agências governamentais quanto por pesquisadores.

33. O índice vai de 0 a 1; quanto mais próximo de zero, menor o desenvolvimento humano do lugar. Quanto mais próximo de um, mais desenvolvido é o estado. Em todas as séries de análises, ainda não existiu um país que tivesse índice zero e nenhum tão desenvolvido que chegasse ao índice 1. Os números que elencamos, a seguir, estão disponíveis no Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, 2017.
34. O IDH dos oito estados nordestinos onde nossos missionários se encontram varia entre o menor que é de 0,683, de Alagoas, e o maior de 0,735, que é do índice do Ceará. O IDH de Goiás é de 0,769 e é, certamente, puxado por Goiânia, a capital. O interior é pobre e desassistido. Relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) revelou, 11 anos atrás, que a capital de Goiás era a cidade mais desigual do país e quase nada mudou, nesse quesito, de lá para cá. Em Goiânia, por exemplo, os bairros Aldeia do Vale/Monte Verde possuem IDH 0,953. Já bairros periféricos, como o Residencial Itapuã e Monte Pascoal, na mesma cidade, registram IDH em torno de 0,600. Segundo a Auditoria Cidadã da Dívida, em 2010, a diferença de investimento público entre bairros nobres e populares chegava a 51 vezes, ou seja, mais de 5000%! As diferenças de IDH igualmente persistem entre distintas regiões, como a verificada entre a zona rural e a capital de Goiás. Naquela época, só para lembrar, duas outras cidades que nos dizem respeito também estavam na lista das mais desiguais: Fortaleza e Brasília. O Mato Grosso tem o IDH de 0,774 e o do Distrito Federal é o campeão absoluto, 0,850. Chamado de "Noruega candanga" pela Revista "Istoé", em 2003, o Lago Sul, onde se encontra uma comunidade redentorista, tinha um belíssimo IDH de 0,945. Depois de quase 20 anos, a região já está bem deteriorada e muito distante desse índice.

Desemprego

35. Destaquemos o desemprego, uma das feridas que mais sangram na atualidade nos territórios de nossa missão. Segundo dados do IBGE, no Brasil, a taxa de desocupação no primeiro trimestre de 2021 foi de 14,4%, isso significa, segundo a revista Você SA, que 14,4 milhões de pessoas estão desempregadas atualmente no Brasil – o maior número da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, que começou em 2012. Somadas, houve um aumento de 12,3% no contingente de desempregados nas regiões Norte e Nordeste, quase sete vezes mais que o observado no Sul, Sudeste e Centro-Oeste. No conjunto, essas três regiões registraram um aumento de 1,8% na taxa de desemprego, segundo reportagem do jornal O Globo.
36. Em outubro do ano passado, o Portal G1 analisou os números do desemprego do IBGE impactado pela pandemia do coronavírus e acrescentou que, além do desemprego recorde, o país atingiu o menor número histórico de trabalhadores ocupados e o nível de ocupação no mercado de trabalho atingiu o menor patamar histórico, em 12 meses. Foram 12 milhões de postos de trabalho perdidos, considerando todas as formas de atuação no mercado de trabalho.

Socioambiental

37. Uma ferida pouco observada nas nossas áreas de missão é a ferida socioambiental. Trata-se da imbricação missionária pedida pelo Papa Francisco de *“unir o grito do pobre ao grito da terra”* (Carta do Papa Francisco ao Superior dos Redentoristas, 22 de março de 2021). Na *Laudato Si*, o Papa deixa claro: *“Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas estamos diante de uma única e complexa crise socioambiental”* (n.139). No nosso país, essas crises se revelam em *“um sistema econômico centrado no deus dinheiro”* e na política governamental, como a que apoia e incentiva a destruição das florestas e o envenenamento por agrotóxico, característica do modelo do agronegócio. As ações do atual governo passam pela revisão e facilitação de exploração das 334 Unidades de Conservação do país, até as alterações nas demarcações de terras indígenas, sendo que algumas destas circundam as nossas áreas de atividade missionária.
38. No Nordeste, por exemplo, temos uma parte significativa dessa população como os Tapebas e os Pitaguarí no Ceará, além dos Tembés, no Maranhão, entre outros. Seguindo na reflexão socioambiental, em 2019, noticiou-se nas redes nacionais o escandaloso rastro tóxico de óleo no litoral nordestino, ambiente tão apreciado turisticamente e que merece uma maior atenção e cuidados. Algumas praias de Fortaleza se tornaram espaços de manchas tóxicas que contaminaram os organismos do meio ambiente. Para os setores pobres de atividade pesqueira, tal evento dispara uma grande problemática existencial. Nesse sentido, a violência estrutural e política atinge de tal modo a vida socioambiental que chegamos a ser "envenenados pela boca".

Violência racial e de gênero

39. Outra questão relevante é a violência racial e de gênero. Essa violência se faz presente no território brasileiro desde os primórdios da exploração colonial, especialmente a violência dos colonizadores contra os povos originários e negros escravizados, que ainda persiste e hoje adquire novas facetas. Uma das principais expressões das desigualdades raciais existentes no país é a concentração dos índices de violência letal na população negra, os mais vitimados são os jovens negros entre 15 a 29 anos, na sua maioria sem instrução, com pouco ou nenhum grau de escolaridade.
40. A mulher na sociedade. O patriarcado, criado para dar ao homem (principalmente branco e heterossexual) o poder sobre terras, liderança política e chefia familiar e social, produziu como consequência a submissão da mulher no contexto familiar, econômico, educacional e político. Isso se alarga quando a comparação é entre mulheres brancas e negras, estas sendo ainda mais desvalorizadas. A violência contra a mulher engloba a violência psicológica, patrimonial, moral, sexual, institucional, seja no ambiente doméstico ou não, podendo chegar até à morte, o feminicídio. Dados do Atlas de Violência no Brasil de 2020 indicam que, a cada duas horas, uma mulher é assassinada no Brasil; e, a cada seis horas e vinte três minutos, uma mulher é morta dentro de casa. Há praticamente o dobro de mulheres negras assassinadas se comparadas às mulheres não negras. Não obstante o avanço das leis relacionadas à violência contra a mulher nos últimos anos, especialmente a Lei Maria da Penha, os índices de violência relacionados ao gênero continuam altos, comprovando o quanto as mulheres ainda são submetidas a opressões. Dessa forma, além de políticas públicas que garantam o direito da mulher, é necessária uma contínua formação social, popular e educacional em todos os âmbitos da vida coletiva e individual, dentro e fora da Igreja, por meio da qual possam ser discutidas e avaliadas as violências simbólicas e físicas que até hoje ferem a dignidade

das mulheres, e assim ressignificar comportamentos para construir uma nova sociedade, na qual homens e mulheres vivam em igualdade e vida digna.

Violência contra povos originários

41. No tocante aos povos originários, povos indígenas, a grande violência impetrada contra estes revela-se em invasões e ameaças de invasões dos territórios, pressões e agressões decorrentes do agro e hidro negócios, grandes empreendimentos como barragens, linhões, rodovias, extração ilegal de minérios e roubo de madeiras em territórios indígenas demarcados ou não. A presença do fundamentalismo religioso, autodenominado cristão, no meio de diversas etnias, significa o desprezo pelos rituais e cultura ancestrais. Não obstante todas as pressões internas, os povos originários ainda resistem na luta pela defesa de seus territórios já demarcados e o reconhecimento dos territórios não demarcados e procuram garantir suas culturas, materiais e imateriais, na construção do bem viver.

População de rua invisível

42. O confrade de Fortaleza Matheus Coimbra, em companhia de Lorena Araújo, realizou trabalho consistente sobre o tema, que poderá ser conhecido por todos nós. Entendemos que existe no país uma invisibilidade da população em situação de rua. Não há dados oficiais em relação aos mesmos e não estão incluídos no planejamento governamental em geral, mas, em março de 2020, o número estimado de pessoas em situação de rua no Brasil era de 221.869 pessoas. O contexto da pandemia e, por consequência, o crescimento do desemprego contribuiu com o aumento do número de pessoas em situação de rua, desde aqueles que vivem da rua, na busca de alguns trocados para a subsistência, bem como aqueles que vivem na rua. Na sua maioria, além da invisibilidade social, essas pessoas estão expostas a uma série de explorações e de violências. Nesse contexto, há uma realidade complexa, que envolve diversos fatores, econômicos, sociais, de desagregação e abandono familiar, que desafiam o Estado, as Igrejas e a Sociedade Civil organizada a pensar em medidas e meios que sejam eficazes e possam garantir condições de vida digna a essa população bem como sua reinserção na sociedade, nos casos em que for possível. Em várias de nossas comunidades, a questão da população de rua tem sido enfrentada com iniciativas concretas e precisaria de uma organização e de uma resposta mais conjunta da nova unidade.

Migrantes

43. A crise econômica internacional, iniciada nos Estados Unidos em 2007, introduziu uma maior complexidade ao fenômeno migratório latino-americano. Uma das principais características do atual fluxo migratório que chega ao Brasil é o do Sul-Sul, ao contrário de fluxos anteriores que se caracterizavam pela predominância: Norte-Sul. No Brasil, os novos fluxos migratórios, iniciados a partir de 2010, provindos do sul global bastante diversificado, apresenta diferentes origens: sociais, culturais, geográficas e se destacam haitianos, venezuelanos, bolivianos, angolanos, senegaleses, bengalis. Em todos esses processos migratórios, há a marca do imperialismo e do neocolonialismo, intervindo criminosamente contra a soberania dos povos e nações.
44. A maioria dos imigrantes que aportaram no Brasil, a partir de 2010, foram os haitianos sendo estes o primeiro número de acolhidos e com maior número no mercado informal de trabalho. Já a partir de 2016, há outro grande fluxo migratório, que majoritariamente adentra no Brasil a partir da fronteira norte do país pela cidade de Pacaraima-RO. Em

2018, esse fluxo já constituía o segundo maior grupo de imigrantes no país. Quanto ao perfil dos imigrantes, a maioria é jovem com faixa etária entre 20 a 39 anos, do sexo masculino, solteiro, com pouco e ou nenhum conhecimento da Língua Portuguesa, na sua maioria sofrem preconceitos pelo fato de serem estrangeiros pobres. Entre os principais motivos que os levaram a migrar para o Brasil se encontram: fuga de conflitos, perseguições política, crises econômica e política, fuga da fome e situações de insegurança alimentar, ausência de serviços públicos, especialmente de saúde e de educação, busca de trabalho, busca de melhoria de vidas entre outros. No Brasil, a maioria dos imigrantes tem por ocupação o trabalho na informalidade, de modo que esses trabalhadores superexplorados, praticamente sem direitos. O setor que mais os emprega é o de produção de bens e serviços industriais, especialmente os relacionados à cadeia produtiva do agronegócio.

Trabalho escravo

45. Não obstante as muitas denúncias que vinham sendo realizadas há anos, o Brasil só veio reconhecer a existência do trabalho escravo contemporâneo na segunda metade da década de 1990. No aspecto jurídico, a alteração do artigo nº 149 (Lei n. 10.803), em 2003, firmou a definição e a caracterização da violação: *“Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto.”*
46. Desde sua criação, há vinte e cinco anos, o Grupo Especial de Fiscalização Móvel (GEFM), da Subsecretaria de Inspeção do Trabalho resgatou 55 mil trabalhadores/as em situações de escravidão no país. Embora haja uma queda acentuada no número de resgates de trabalhadores em situações análogas à escravidão, importa destacar que tal queda não se refere a uma redução em si mesma, mas às flexibilizações da Consolidação das Leis do Trabalho-CLT, à extinção do Ministério do Trabalho e, por consequência, à desarticulação do GEFM. A prática de trabalho escravo não é realidade apenas do campo, mas igualmente se faz presente em diversos setores da produção; no setor têxtil, várias marcas de grifes, já foram atuadas com a adoção de mão de obra escrava.

Tráfico de pessoas

47. O tráfico de pessoas é considerado uma das formas mais graves de violação dos direitos humanos, atingindo globalmente milhares de vítimas, cujos direitos fundamentais e dignidade são violados. É um crime de enorme complexidade, pois envolve diversos fatores: socioeconômicos, culturais, psicológicos etc. Dados do Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas de 2020, manifestam que, na América do Sul, as mulheres são as maiores vítimas, ao passo que há um homem traficado para cada quatro mulheres. A maioria das mulheres são traficadas para fins de exploração sexual e um terço delas para trabalhos forçados. Em sua maioria, as vítimas foram detectadas e ou repatriadas da América do Norte, Europa, Oriente Médio e Leste Asiático. O enfrentamento dessa modalidade de crime envolve uma ação coordenada de organismos internacionais, coordenação do poder público e da sociedade organizada.

Fundamentalismos

48. Sabemos que o mundo de hoje, e nosso país não escapa à regra, tem a experiência da fé atravessada por grupos ultraconservadores que desconsideram as pessoas em suas individualidades e realidades, oferecendo uma prática de moralidade espiritual que, ao invés de ajudar a Igreja, está sendo fonte de cisões e desvalorização da vida fraterna e da solidariedade. Essa ferida é tão séria que o Sínodo dos Bispos, em sua XV Assembleia Geral, convocada pelo Papa Francisco, reunida em 2018, refletia sobre a situação dos jovens na Igreja.
49. Essa importante reflexão acerca das juventudes se encontra condensada no documento final “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Nesse documento, toda sua terceira parte versa sobre a “Missão de Acompanhar”. Em contraponto ao *“mandato conferido à Congregação de evangelizar os pobres que visa à libertação e à salvação da pessoa humana toda”* (Const. 5), o fundamentalismo religioso (ou ultraconservadorismo) gera uma escravidão perversa da consciência, faculdade tão defendida e valorizada por nosso Pai Fundador em sua Teologia Moral. Refletirmos hoje sobre a catolicidade em suas múltiplas manifestações apaixonadas é também enfrentarmos o terreno escorregadio da bipolarização que pode nos colocar novamente na radicalidade de um legalismo ou no entorpecimento de um laxismo, ambos tão fortemente combatidos por Santo Afonso com seu equiprobabilismo moral e espiritual.

Existenciais

50. Todas essas feridas repercutem num grave comprometimento da saúde mental coletiva de nossa população, não selecionando classe social e idade, gênero e raça, tendendo à alta irrupção dos transtornos psicopatológicos em nossas cidades. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, cerca de 450 milhões de pessoas são afetadas por transtornos mentais atualmente, e estima-se que, nos próximos 20 anos, a depressão e a ansiedade se tornarão doenças mais comuns que qualquer outro problema de saúde, bem como se receia o aumento dos índices epidêmicos de violência autoinfligida (suicídio).
51. Assim, nossa escuta diária dessas feridas existenciais, o vínculo e o compromisso de acompanhamento junto ao sofrimento cotidiano das pessoas em suas dores emocionais, acolhendo na fé suas perdas e fraturas na vida, nosso interesse e doação em aliviar suas angústias com nossa presença solidária e motivadora em um escutar empático, convoca nossa sensibilidade missionária a nos fazermos disponíveis junto às vulnerabilidades humanas, por meio de um encontro compassivo e de uma palavra redentora capazes de devolver às pessoas a possibilidade de um sentido à nossa realidade, de um futuro possível de ser esperado.

LGBTQIA+fobia

52. Pesquisas científicas acerca da população LGBTQIA+, tanto estudos acadêmicos brasileiros quanto internacionais, confirmam que o índice de suicídio na juventude com orientação sexual LGBTQIA+ é de quatro a seis vezes maior que o suicídio entre jovens heterossexuais. De acordo com o relatório de um importante grupo de jornalistas paulistas do portal Agência Aids, no ano de 2020, foram registradas 257 mortes de pessoas vítimas de homotransfobia no Brasil. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal segmento. Mais da

metade dos assassinados de LGBTs no mundo ocorre no Brasil. A cada 36 horas, um LGBT brasileiro é vítima de homicídio ou suicídio, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Esse fato é, de forma ainda mais grave, corroborado pelos estudos do próprio Ministério dos Direitos Humanos, em relatório engavetado pelo atual Governo Federal, no qual se concluiu-se que, no país, entre 1963-2018, a cada 16 horas um LGBT foi assassinado.

53. Dois documentos oficiais da Igreja se tornam importantes chaves de leitura para trabalharmos essas questões na missão com a dimensão pastoral, naquilo que Papa Francisco enfatiza como zonas da "periferia existencial", nas quais o ser humano passa pela experiência de solidão, exclusão, abandono e marginalização. É comum o relato de jovens LGBTQIA+ que vivenciam esse tipo de degradação humana dentro mesmo da sua própria família e de sua comunidade eclesial. Nesse sentido, na Exortação *Amoris Laetitia* (AL), a Alegria do Amor, Papa Francisco nos convoca a restituirmos a *"pessoa como centro da ação pastoral"*, e por pastoral compreendemos o trabalho evangelizador de *"formar e acompanhar as consciências"*, em nenhum caso substituí-las: *"a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa"* (AL, n. 310). O Papa recorda-nos que *"às vezes, custa-nos muito dar lugar, na pastoral, ao amor incondicional de Deus"* (n. 311). Outro marco interessante de destacarmos na dimensão eclesial-pastoral trata-se da primeira vez que a sigla LGBT foi usada oficialmente em um documento do Vaticano, o *Instrumentum Laboris* do Sínodo da Juventude (2018) coloca: *"Alguns jovens LGBT, por meio das várias contribuições enviadas à Secretaria do Sínodo, desejam beneficiar-se de uma maior proximidade e experimentar uma atenção maior por parte da Igreja, enquanto algumas Conferências Episcopais perguntam-se sobre o que propor aos jovens que em vez de formar casais heterossexuais decidem constituir casais homossexuais e, acima de tudo, desejam estar perto da Igreja"* (n. 197).
54. O documento também nos aponta caminhos: *"Em muitas comunidades cristãs, já existem percursos de acompanhamento na fé de pessoas homossexuais: o Sínodo recomenda que se favoreçam tais percursos. Ao longo destes percursos, as pessoas são ajudadas a ler a sua história, aderir livre e responsavelmente à sua chamada batismal, reconhecer o desejo de pertencer e contribuir para a vida da comunidade, discernir as melhores formas para o concretizar. Deste modo, ajudam-se todos os jovens, sem exceção, a integrar cada vez mais a dimensão sexual na própria personalidade, crescendo na qualidade das relações e caminhando para o dom de si"* (n.150). Finalmente, o encontro e o aprendizado com as feridas existenciais junto às vidas concretas de homens e mulheres LGBTQIA+, seus dramas e seus potenciais no resistir e viver sua fé, *"denunciam com suas próprias existências uma sociedade e uma Igreja que ainda criam zonas de maldade irrecuperáveis, pecados sem perdão, mecanismos legítimos de exclusão"*.

Outras feridas

55. Há muitas outras feridas como violência contra jovens de periferia, mulheres e idosos da classe trabalhadora, falta de moradia, de saneamento básico, falta de investimento em educação pública de má qualidade e transporte coletivo nas mãos de empresas que não dão atenção aos usuários, que lucram mais com a superlotação de usuários. O desinvestimento na saúde pública, colapsada durante a pandemia, a chamada *"segurança pública"*, pautada na violência contra os pobres e não na garantia efetiva de seus direitos, resulta no aumento da população carcerária, no racismo institucional e no

paramilitarismo. Somando-se a essas feridas emerge a intolerância religiosa, a gordofobia etc.

ESTRUTURA DA IGREJA

Regionais da CNBB

56. A mobilização dos bispos, responsável pela fundação de uma conferência nacional, há mais de 60 anos no Brasil, levou à formulação de uma estrutura que organizou o episcopado por regionais. Nós, missionários das três unidades redentoristas, estamos sob “jurisdição” de seis desses regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): Norte 3, Nordeste de 1 a 5 e Centro-Oeste. Do mesmo modo que os aspectos físicos e humanos das regiões do Brasil em que nos encontramos foram considerados até agora, pode-se considerar o Tocantins com as mesmas características eclesiais do Centro-Oeste, uma vez que se tornou um regional independente nos últimos oito anos. Do mesmo modo, permanece sem uma referência explícita o regional Oeste 2, que comporta Nova Xavantina e a Prelazia de São Felix do Araguaia, que também pertence ao Norte 3.
57. Regionais do Nordeste: os cinco regionais da CNBB que abrangem o Nordeste têm, ao todo, 11 províncias eclesiásticas e 65 dioceses. Claro, desses números, é preciso descontar as circunscrições eclesiásticas da Bahia, no Nordeste 3, e só considerar parte desse regional com as dioceses de Sergipe.
58. Regional Centro-Oeste: são apenas duas províncias eclesiásticas nesse regional que somam 10 dioceses. Criado em 1962, o regional Centro-Oeste já compreendeu todo o estado de Goiás que, naquela época, correspondia aos atuais estados de Goiás e Tocantins e ao Distrito Federal. Participava também do regional, o antigo estado de Mato Grosso. Depois, vieram os desdobramentos. Também pertence ao regional o Ordinariado Militar do Brasil desde que foi transferido para a nova capital, Brasília. O estado do Mato Grosso deixou o regional em 1964. Em 2013, foi a vez de se tornar autônomo o estado do Tocantins com a criação do regional Norte 3.

Regionais da CRB

59. Entre as finalidades da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), de acordo com seu estatuto, estão a de animar a vida consagrada no Brasil, promovendo a comunhão entre os membros dos diversos institutos religiosos, a de coordenar atividades que visem à construção de alianças intercongregacionais na formação e missão e a de promover a inserção em meios populares em situação de risco social. Essas finalidades nos incentivam a uma comunhão maior com a Conferência e a uma abertura e diálogo frequente com outros grupos de religiosos, especialmente os missionários, que atuam em nossa área de atuação apostólica.
60. Em nossa Nova Unidade, estaremos em contato com sete regionais da CRB no Brasil: São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Recife (PE), Palmas (TO), Goiânia (GO), Brasília (DF). Em alguns desses regionais, os redentoristas têm colaborado com presença frequente de confrades nas coordenações e nas comissões específicas.

NOSSA PRESENÇA

Vice-Província de Fortaleza

61. Correspondendo ao apelo da então recém-criada CNBB para a evangelização no norte de Goiás (atual Tocantins), a província Redentorista de Dublin envia os primeiros missionários irlandeses ao Brasil. Em 7 de maio de 1960, desembarcavam no porto do Rio de Janeiro os padres irlandeses Tiago McGrath, João Myers e Miguel Kirwin e, no dia seguinte, chegava de avião Jaime Collins.
62. Entre os anos de 1961 e 1966, deu-se a expansão para o Ceará e para Piauí pela necessidade de aumentar o território da missão (Pedro Afonso contava na época com apenas 3.000 mil habitantes), mas também pela necessidade vocacional e financeira. As fundações seguintes serão: São Raimundo Nonato/Fortaleza em 25 de março de 1962; Paraíso (então estado de Goiás) em setembro 1962; Iguatu/Ceará em 30 de agosto de 1964; Teresina/Piauí em 1965 e Parnaíba/Piauí em dezembro de 1966. Nesse processo de expansão territorial, a vice-província foi erigida canonicamente a 5 de fevereiro de 1962 pelo superior geral Pe. Guiliemus Gaudreau, sendo Fortaleza designada como sede da nova unidade e o Pe. Jaime Collins como superior vice-provincial.
63. No percurso da história da Vice-Província Redentorista de Fortaleza, sempre houve o desapego às estruturas, dando assim aos missionários uma maior flexibilidade na atuação pastoral. Desde os primeiros anos, os confrades se dispuseram a assumir diversos campos pastorais, sejam eles ordinários ou extraordinários. Desde as desobrigas às pastorais nas grandes periferias, das escolas de catequese à criação de cursos profissionalizantes, da salvação da alma no atendimento sacramental à salvação da dignidade da pessoa humana.
64. Muitos outros elementos constituem a nossa história e, dentre eles, o canal a12 destaca: *“Diversas são as paróquias missionárias, as missões populares e as Novenas em honra à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Teresina (PI) e Fortaleza (CE), onde os milhares de devotos recorrem semanalmente. O Estado do Ceará nos deu três legados que anteciparam a chegada dos redentoristas: 1) José Ferreira Caminha (1841-1861), natural de Aracati, foi o primeiro redentorista brasileiro professo, falecido em 10 de outubro de 1861, na Inglaterra; 2) O Pe. Aureliano Mota, diocesano, introduziu a devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 1905; 3) O Pe. Misael da Silva Gomes, diocesano, trouxe a devoção a São Geraldo Majela, em 1916”*. Atualmente contamos com comunidades em Fortaleza e Caucaia (Ceará), Araiões e São Luiz (Maranhão), Teresina e Altos (Piauí) e a integração missionária Fortaleza e Dublin que atua em Furancungo (Moçambique)”.

Província de Goiás

65. Oriunda do primeiro grupo de redentoristas alemães que chegaram ao Brasil no final do século XIX, a Província de Goiás tem um percurso histórico que pode ser compreendido pelo itinerário que começou como uma missão, depois tornou-se uma vice-província na década de 1960 e, finalmente, província, em 1994. Os missionários alemães chegaram a Goiás em lombo de cavalo enquanto chovia torrencialmente, em dezembro de 1894. Engajaram-se na modalidade missionária da época, fazendo desobrigas e atendendo aos romeiros do Pai Eterno, em Trindade, e na paróquia de Campininhas, atual Goiânia. Eles abraçaram um amplo território atuando como missionários do povo. Na primeira metade do século passado, nossa história foi marcada definitivamente por um desses alemães, Pe. Pelágio Sauter. Ele é reconhecido como venerável pela Igreja e encontra-

se a um passo da beatificação. Hoje, a unidade tem presença nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e no Distrito Federal. Nos mais de 125 anos de história no coração do Brasil, os confrades construíram um lastro de grande dedicação ao trabalho apostólico.

66. Nesse mais de século de história, é preciso mencionar a criação e o zelo apostólico dos redentoristas para com a prelazia e, posteriormente diocese, de Rubiataba-Mozarlândia a partir da década de 1960. Nossos confrades atenderam paróquias e regiões missionárias daquela Igreja Particular com muito fervor por um período de três décadas e só deixou aquele território depois da saída do último bispo redentorista, Dom José Carlos de Oliveira.
67. Outra menção também necessária foi o cultivo e o fortalecimento de um modo próprio de refletir, rezar e agir representado pela novena do Natal em Família. Nascida no coração das missões populares da Província de São Paulo, foi em Goiás que essa novena tomou corpo, se consolidou e conquistou o Brasil a ponto de os confrades terem sido convidados pela CNBB, na pessoa de Dom Luciano Mendes de Almeida, para popularizar a Campanha da Fraternidade, produzindo um subsídio semelhante ao do Natal.
68. Por fim, não se pode deixar de registrar a grande experiência apostólica da província no sul dos estados do Pará e do Maranhão. Embalados pelas orientações da Conferência do CELAM, em Puebla, no México, os confrades enfrentaram o desafio da inserção no meio do povo pobre. Foram anos de apostolado e de formação naquela região do Brasil.
69. A Província conta hoje com 17 comunidades constituídas. São três santuários (Pai Eterno, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Nossa Senhora das Graças), várias paróquias missionárias nas cidades de Abadia, Goiânia e Trindade, em Goiás; Palmas e Paraíso, no Tocantins, e Bom Jesus, Confresa, Nova Xavantina e Vila Rica, no Mato Grosso. Além disso, a província atende em duas paróquias no Distrito Federal, uma no Lago Sul e outra na região administrativa de São Sebastião.
70. Além das casas de formação, em Goiânia, a província conta com obras associadas: administra a Fundação Padre Pelágio com rádios em Goiânia e Ipameri, no interior do estado, além de várias outras emissoras em Firminópolis, Nova América, Piracanjuba, Rubiataba e São Luís de Montes Belos. Administra a Associação Filhos do Pai Eterno, que é um braço do Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade, e essa associação dispõe de uma emissora de televisão, a TV Pai Eterno. A criação da Vila São Cotelengo pelo Pe. Gabriel Vilela, em Trindade, e o posterior apoio às Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e uma dedicação mais efetiva atual, formam um quadro de atuação apostólica importante da província. As Obras Sociais também representam um passo significativo para o trabalho de comprometimento concreto com os empobrecidos e não se pode esquecer de duas obras extraordinárias: a Scala Editora e o exigente trabalho de assistência e acompanhamento dos jovens da Juventude Missionária Redentorista, a JUMIRE.

Vice-Província do Recife

71. Para que os redentoristas se estabelecessem no Nordeste do Brasil, muito contribuiu a pregação desses religiosos nas Santas Missões Populares no ano de 1929 nas cidades de Arcoverde e Serra Talhada, ambas no Estado de Pernambuco. Em 1939, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional que estava acontecendo na cidade do Recife-PE, os

redentoristas ajudaram na preparação do referido Congresso com a pregação das Missões Redentoristas.

72. No dia 22 de dezembro de 1947, chegaram os primeiros missionários redentoristas à região nordeste do Brasil, a convite de Dom Juvêncio de Brito, bispo da Diocese de Garanhuns-PE, que pediu a fundação de uma comunidade redentorista em sua diocese. Deveria ser um centro de missões para a região e uma igreja auxiliar no bairro do Arraial (oficialmente Heliópolis). Em 1951, o Superior Geral da Congregação, o padre Leonardo Buys, proclama a criação da missão de Garanhuns, sendo esta desvinculada da Vice-Província do Rio de Janeiro e, em 24 de agosto de 1953, foi oficialmente criada a Vice-Província redentorista do Recife, ligada à Província da Holanda. Seu território geográfico se estendia do Estado da Bahia ao Estado do Ceará.
73. A Comunidade Redentorista de Garanhuns foi formada por quatro missionários holandeses que já trabalhavam na Vice-Província do Rio de Janeiro: Pe. Joaquim Van Dongen (superior da Comunidade), Pe. Miguel Radermacher, Pe. Inácio Fenster e o Pe. Adriano Backx.
74. A partir de 1949, a missão consolidou-se e passou a ser o motor da expansão redentorista em todo o Nordeste. Os missionários *“de batina branca”*, gozavam de um alto conceito junto aos bispos, clero e todo o povo da região, e faziam um grande esforço de inculturação. Paralelo à pregação das missões, foram sendo fundadas outras comunidades, aceitando-se paróquias e também a criação do Seminário de Garanhuns, posteriormente transferido para Campina Grande-PB. O prédio em que funcionou o seminário, a partir de 1973, tornou-se a Escola Técnica Redentorista (ETER), que exerceu um importante papel social na região da Borborema.
75. A Vice-Província do Recife hoje está presente em cinco estados do Nordeste: Alagoas, na cidade de Arapiraca: Paróquia do Santíssimo Redentor e o Aspirantado Pe. Antonino; Pernambuco, na cidade do Recife: Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro e sede-vice provincial, Santuário N. S. da Conceição, no Morro da Conceição, e a Livraria Redentorista; em Garanhuns, Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro e uma livraria; Caruaru, livraria; em Tacaratú, Santuário/Paróquia N. S. da Saúde e, em Buíque, estação missionária/Paróquia São Félix de Cantalice; Paraíba, na cidade de Campina Grande, Santuário/Paróquia N. S. do Perpétuo Socorro, a casa de formação Noviciado São Geraldo, e uma livraria; Rio Grande do Norte, na cidade do Natal: Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Sergipe, na cidade de N. S. Aparecida, Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

CARACTERÍSTICA TRANSVERSAL

Um mundo mediatizado

76. Um tema transversal em toda a realidade geográfica, política, social e cultural dos dias atuais e que precisa ser considerado no reconhecimento da complexidade do nosso campo missionário é a mediatização. Vivemos num mundo tão mediatizado que foram transformadas as relações das pessoas com elas mesmas, com os outros e com o mundo. E essas relações passaram por uma aceleração que é até próprio chamar de *“hiper-relacionamento”*, caracterizado pela intensa troca de informações entre as pessoas para acudir a sensação de estar sozinho, escondendo, na aparente proximidade de quem está longe, o afastamento e distanciamento das pessoas que estão por perto.

77. Nesse novo mundo, as tecnologias estão cada vez mais presentes no trabalho, nos estudos, no lazer e também na vivência religiosa. Elas ajudam a estabelecer vínculos, possibilitam a difusão e a conexão para criar conteúdo significativo e aumentam as potencialidades em quase todos os campos de atividade humana. Apesar disso, esse novo cenário traz também riscos merecedores de registro como dependência tecnológica, vício de constante atualização de equipamentos e até a sensação de que não se pode viver sem eles. Nota-se, com facilidade, uma ausência geral de critérios para o uso dos dispositivos móveis em quase todos os ambientes, um excesso de exposição das pessoas de modo que não exista mais uma linha firme entre público e privado. Tudo isso também aumenta riscos para a segurança pessoal e familiar, além de reforçar o narcisismo e deixar mais pessoas expostas ao *cyberbullying*.
78. Além disso, nesse mundo, as relações entre as pessoas se “horizontalizou”, isto é, os pais já não dominam o conhecimento mais do que os filhos e, por isso, os filhos acabam ensinando coisas aos pais. A família já não ocupa mais o lugar de único universo de referência, uma vez que as redes digitais têm grande influência na vida das pessoas a ponto de moldar um novo modo de pensar, de vestir, de se comportar e ganha um peso sem medida nos processos de escolhas.
79. Há quem afirme que o tempo atual é “*um século fascinante e cruel*”. Considerando a globalização econômica, a tecnologia tem dividido as pessoas entre aquelas que têm acesso à tecnologia e para quem se descortina um mundo fascinante de possibilidades, e aquelas que não; aqueles a quem está negado esse acesso por razões também econômicas estão excluídos, descartados. É importante considerar, no entanto, que todos podem ser atingidos pelos benefícios e prejuízos advindos dos avanços tecnológicos. Há inúmeros problemas que a tecnologia impõe, como, por exemplo, o fato de que importantes decisões são tomadas por algoritmos, levando a crer que tais algoritmos são mais confiáveis que a própria inteligência humana.
80. Em função do Big Data, a Inteligência Artificial que coleta e analisa grandes volumes de dados variados em altíssima velocidade, as pessoas podem ser vigiadas e até controladas, como afirma o historiador da moda, Yuval Harari Noah: “*Ficaremos expostos a uma enxurrada de manipulações guiadas com precisão, sendo fácil manipular nossas opiniões e emoções*”. O Big Data constitui também uma séria ameaça aos sistemas democráticos, podendo ser facilmente manipulado por sistemas políticos autoritários sendo capaz de convulsionar até mesmo as mais sólidas democracias. Nesse sentido, fará com que “*os sentimentos humanos sejam cada vez menos confiáveis, à medida em que governos e corporações obtêm sucesso ao hackear o sistema operacional humano*”, afirma Noah.
81. Outro fenômeno a ser considerado na Inteligência Artificial é o fato de que, estando cada vez mais sofisticada, “*poderia servir apenas para dar poder a estupidez natural dos humanos*”, na opinião de Noah. “*Muitas atividades, trabalhos que hoje conhecemos simplesmente desaparecerão, sendo substituídos pela Inteligência Artificial que os fará com maior precisão, por consequência o número de desempregados será cada vez maior, de forma que alguns grupos monopolizam cada vez mais os frutos da globalização, enquanto bilhões serão deixados para trás*”, segundo o historiador israelense que conquistou o mundo com suas análises. Nesse sentido, chamamos atenção ainda para a questão da nova prótese corporal aderida aos nossos corpos, caracterizada pelo uso constante dos smartphones. A experiência humana, também agora realizada dentro da seara virtual, implica uma série de questões existenciais no modo como nos

relacionamos nas redes sociais através dos likes e dislikes, blocks e haters, cancelamentos, performatização e maquilagem nos modos de existir.

SÍNTESE DA PRIMEIRA PARTE

O desaparecimento da complexidade é talvez um dos efeitos colaterais mais sérios da polarização experimentada nos últimos anos por uma parte do mundo ocidental. É claro que a complexidade não deve ser usada como desculpa para evitar tomar uma posição, mas é preciso que a realidade seja vista nessa perspectiva. Estamos geograficamente situados em regiões importantes do país. A economia do Brasil se reflete ainda mais crua nessa área e isso significa: alta concentração de renda que desenha o cenário paradoxal de grupos pequenos de super-ricos convivendo com bolsões de miséria. O povo é bom, rico, diverso e cheio de fé. A política que impera, no entanto, é conservadora, de manutenção e pouco crítica. A presença da Igreja, no entanto, é profética e desafiadora, sobretudo no Nordeste. As três unidades redentoristas que caminham para uma união foram construídas com enorme esforço e espírito missionário de redentoristas vindos da Alemanha, da Holanda e da Irlanda, posteriormente assumidas por goianos e nordestinos que preservam o espírito dos fundadores da missão com grande dedicação. A complexidade dessa realidade exige, finalmente, que se tenha os olhos para o fenômeno da midiatização do mundo que, de forma transversal, perpassa a geografia, a economia, a política, o jeito do povo ser e viver e, claro, o horizonte da missão evangelizadora redentorista.

INTERPRETAR

UMA REALIDADE COMPLEXA

Fidelidade ao Redentor

82. O normal e consequente na metodologia consagrada no ambiente eclesial do “ver-julgar-agir” seria que esta segunda parte do nosso Plano Apostólico fosse composta por um olhar sobre a primeira parte apresentada, de modo que se evitasse uma interpretação geral da realidade e se destacasse uma interpretação específica dessa realidade complexa presente em lugar específico onde os confrades irão atuar dentro de uma Nova Unidade da Congregação. Na impossibilidade dessa análise, recolhemos a interpretação da realidade de toda a Igreja e, especialmente, da Igreja no Brasil. E, claro, considerando o conhecimento dos redentoristas na América Latina e Caribe sobre as características da realidade complexa também presente no Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, trazemos algumas indicações de análise do Plano Apostólico da Conferência e dos documentos produzidos nos encontros realizados no processo de reconfiguração da Nova Unidade.

MAGISTÉRIO

Papa Francisco

83. Papa Francisco entende a Igreja de um modo inspirador: *“o Paráclito aconselha: ‘Procura o todo’. O todo, não a parte. O Espírito não molda indivíduos fechados, mas funde-nos como Igreja na multiforme variedade dos carismas, numa unidade que nunca é uniformidade. O Paráclito afirma o primado do todo. É no todo, na comunidade que o Espírito gosta de agir e inovar. Olhemos para os Apóstolos. Eram muito diferentes entre eles: por exemplo, havia Mateus, um publicano que colaborara com os Romanos, e Simão, chamado o Zelote, que a eles se opunha. Tinham ideias políticas opostas, visões do mundo diferentes. Mas, quando recebem o Espírito, aprendem a dar o primado não aos seus pontos de vista humanos, mas ao todo de Deus. Hoje, se dermos ouvidos ao Espírito, deixaremos de nos focar em conservadores e progressistas, tradicionalistas e inovadores, de direita e de esquerda; se fossem estes os critérios, significava que na Igreja se esquecia o Espírito. O Paráclito impele à unidade, à concórdia, à harmonia das diversidades. Faz-nos sentir parte do mesmo Corpo, irmãos e irmãs entre nós. Procuremos o todo! E o inimigo quer que a diversidade se transforme em oposição e por isso faz com que se torne ideologia. Devemos dizer «não» às ideologias, ‘sim’ ao todo”* (Homilia, 23.01.2021).
84. Francisco entende a vida religiosa também de forma inspiradora: *“sois homens e mulheres simples que vistes o tesouro que vale mais do que todas as riquezas do mundo. Por ele, deixastes coisas preciosas, tais como bens, criar uma família própria. Por que o fizestes? Porque vos apaixonastes por Jesus, n’Ele vistes tudo e, fascinados pelo seu olhar, deixastes o resto. A vida consagrada é esta visão. É ver aquilo que conta na vida. É acolher de braços abertos o dom do Senhor, como fez Simeão. Isto é o que veem os olhos dos consagrados: a graça de Deus derramada em suas mãos. A pessoa consagrada é alguém que, ao olhar-se cada dia, diz: ‘Tudo é dom, tudo é graça’. Queridos irmãos e*

irmãs, não é mérito nosso a vida religiosa, é um dom de amor que recebemos” (Homilia, 01.02.2020).

85. O Papa também tem um conselho bonito aos missionários no Brasil: *“Queridos amigos, se caminhamos na esperança, deixando-nos surpreender pelo vinho novo que Jesus nos oferece, há alegria no nosso coração e não podemos deixar de ser testemunhas dessa alegria. O cristão é alegre, nunca está triste. Deus nos acompanha. Temos uma Mãe que sempre intercede pela vida dos seus filhos, por nós, como a rainha Ester na primeira leitura (cf. Est 5, 3). Jesus nos mostrou que a face de Deus é a de um Pai que nos ama. O pecado e a morte foram derrotados. O cristão não pode ser pessimista! Não pode ter uma cara de quem parece num constante estado de luto. Se estivermos verdadeiramente enamorados de Cristo e sentirmos o quanto Ele nos ama, o nosso coração se “incendiará” de tal alegria que contagiara quem estiver ao nosso lado. Como dizia Bento XVI, aqui neste Santuário: ‘O discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro’” (Homilia em Aparecida, 24.07.2013).*
86. Papa Francisco, no final da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, realça algumas motivações para um renovado impulso missionário: o encontro pessoal com o amor de Jesus Cristo que nos salva; o prazer espiritual de ser povo; a ação misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito e a força missionária da intercessão.

Igreja no Brasil

87. *“O olhar dos discípulos missionários”,* como sugerem as Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora no Brasil (DGAE), em vigor no quadriênio 2019-2023: é preciso contemplar para sair em missão em um mundo que se transforma. As Diretrizes podem ser uma referência de ponto de partida para a interpretação da realidade com os olhos da fé. Vamos seguir a síntese de dom Aloisio Alberto Dilli, bispo de Santa Cruz do Sul (RS). De início, requer lembrar que: *“A Igreja, sacramento universal de salvação, como discípula missionária (servidora), anuncia sempre o mesmo Evangelho: acolher, contemplar, discernir e iluminar com a Palavra de Deus os complexos elementos culturais, sociais, políticos e éticos que constituem a realidade, com suas luzes e sombras” (DGAE, 41-42).*
88. Por conta disso, é preciso *“Ocupar-se com as compreensões mais profundas a respeito da vida, de Deus, do ser humano, da família e de toda a realidade, a fim de interagir com ela em vista do crescimento do Reino de Deus. As grandes cidades refletem com mais rapidez o que acontece em todo mundo” (DGAE, 43-45).* Dom Dilli sublinha: *“Reconhecer a presença de Deus em cada contexto histórico, inclusive no mundo atual, cada vez mais urbano: Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como nas suas dores e sofrimentos. Cabe à Igreja contemplar esta realidade e distinguir o que o Espírito está dizendo e fazendo, identificando as sombras que negam o Reino de Deus”.*
89. *“O mundo da grande cidade é local da individualidade: de um lado, a pessoa possui uma dignidade irrenunciável e insubstituível; por outro, há o enfraquecimento do convívio, da comunhão: individualismo. O outro tem valor se é útil”.* Dom Dilli, então, cita a escritora Suely Buriasco: *“É preciso distinguir individualidade de individualismo. O primeiro é saudável, enquanto o segundo é destruidor”.*
90. O bispo de Santa Cruz do Sul resume assim algumas interpretações da realidade que aí está: *“Relação do Estado e do Mercado: a redução da função social do Estado lesa a*

dignidade das pessoas e enfraquece o exercício dos direitos humanos; o mercado impõe seus objetivos sobre os valores sociais, inclusive sobre as instituições e tradições: família e comunidade. O consumismo, “doença muito séria”, segundo o Papa Francisco, mostra que tudo tende a ser consumido, esgotado e substituído. Avaliam-se as pessoas pela participação no mercado, como efetivas produtoras e consumidoras. E a individualização consumista da vida: gera violência, narcotráfico, legalização da morte do outro (aborto). Individualismo e violência andam juntos”.

91. *“Nossa fé reconhece o Senhor presente e atuante em meio a esta complexa realidade. Nossas forças de resistência e resiliência apontam para atitudes culturais de resistência que valorizam mais as pessoas que o consumo; a obediência a Deus que às tendências e modismos do presente (At 5, 29). Novo estilo de evangelizar: Documentos da CNBB impulsionaram para evangelizar nas Igrejas particulares sobretudo pelas urgências indicadas e pelo processo catecumenal da Iniciação à Vida Cristã. A conversão pastoral está fazendo abandonar as estruturas ultrapassadas da transmissão da fé (pastoral de conservação). A Igreja do Brasil precisa investir ainda mais na missionariedade”, finaliza o bispo.*

Regionais da CNBB

92. Dois documentos, produzidos pelos bispos das duas principais regiões onde nos encontramos, podem delinear uma interpretação das realidades que vivemos sob o olhar da Igreja. O primeiro é fruto do último grande encontro presencial dos bispos do Nordeste, realizado em 2018, e tem o título de “Documento de Fortaleza”, e o outro é resultado da última assembleia dos bispos do Centro-Oeste, em 2019, intitulado: “Carta de Compromissos”. Claro que será necessário agregar a palavra de nossas unidades àquelas dos pastores para a formação de um quadro interpretativo mais amplo.
93. Bem concreto, capaz de mostrar o rosto das Igrejas Particulares dos cinco regionais da CNBB, o “Documento de Fortaleza” traz uma renovação de compromissos bem abrangente: *“mais uma vez, nos debruçamos sobre o momento no qual estamos vivendo, com o intuito de perscrutá-lo e de colher indicações e estímulos para nossa missão. Constatamos que, durante muito tempo, a imagem da Região Nordeste foi estereotipada pelo drama da miséria causada pelas longas estiagens. No final do século XX e início do século XXI, contudo, em razão do momento positivo vivido pelo país, o povo nordestino foi favorecido por uma significativa melhoria do quadro econômico e social”.*
94. Os bispos renovaram o compromisso, naquela ocasião, com *“uma Igreja centrada na pessoa de Jesus Cristo, alimentada e sustentada pela Palavra, Eucaristia, Caridade e Oração, e animada pela presença materna da Virgem Maria”*; com *“uma Igreja missionária que, por meio do anúncio querigmático explícito e do aprofundamento da fé, vive e comunica a alegria do Evangelho”*; os bispos também manifestaram a renovação do compromisso com *“uma Igreja sinodal, disposta a trilhar caminhos de comunhão, capaz de buscar o discernimento na diversidade de experiências e carismas, prospectada à unidade em todos os níveis, solícita na partilha de seus recursos materiais e humanos, especialmente de ministros ordenados”.*
95. No mesmo encontro, os bispos também afirmaram compromisso com *“uma Igreja despojada e samaritana, sensível às novas faces da pobreza e revigorada em sua atuação sociotransformadora. Diante da constatação de que o sistema social no Nordeste ainda mantém sinais da velha cultura escravocrata e desigual, fundamentados*

no inviolável imperativo evangélico e no Ensino Social da Igreja, defendemos a salvaguarda e manutenção dos direitos e conquistas sociais”. Ficou ainda firmado um novo compromisso com “uma Igreja atenta aos jovens, que reconhece o seu papel e protagonismo” e com “uma Igreja consistente em sua identidade e aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso”. “O Documento de Fortaleza” traz ainda a renovação do compromisso com “uma Igreja construtora e promotora da vida e de uma cultura de paz e reconciliação, uma Igreja que defende a sacralidade da vida, desde a sua concepção ao seu natural ocaso, e não admite nenhuma forma de violência contra a dignidade humana”.

96. *“Comprometemo-nos com uma Igreja profética, pronta a valorizar os benefícios e a denunciar as ambiguidades de megaprojetos privados e estatais implantados no Nordeste”, dizem os bispos. E, completando essa lista de compromissos, os bispos do nordeste afirmam “Comprometemo-nos com uma Igreja sacramento do Reino de Deus, presente no mundo, servidora e engajada na promoção do bem comum”.*
97. No regional Centro-Oeste, em sua última assembleia, em 2019, foi formulada uma “Carta de Compromissos” que também revela o rosto da realidade eclesial nesse pedaço de Brasil. Os bispos afirmam: *“Após o estudo das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE 2019-2023), e como resposta aos desafios da evangelização em uma realidade cada vez mais urbana, queremos ser cristãos em comunidades eclesiais missionárias”.* Para isso, elencaram uma série de cinco compromissos. Primeiro: *“Motivar as pastorais, movimentos, organismos e serviços, para que integrem em sua vivência os elementos específicos das comunidades eclesiais missionárias, com seus pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária”.*
98. O segundo compromisso: *“Propor itinerários e elaborar subsídios que favoreçam a animação bíblica nas comunidades eclesiais missionárias, especialmente por meio da Lectio Divina”.* O terceiro foi *“Formar Ministros Leigos da Palavra, com espírito missionário, conforme Documento 108 da CNBB - Ministério e Celebração da Palavra”.* E os últimos foram: *“Capacitar leigos no conhecimento da Doutrina Social da Igreja” e “Implantar e aperfeiçoar os Conselhos Missionários em todos os níveis: paroquial, arquidiocesano e regional”.*

Uma palavra da CRB

99. Além da palavra do episcopado, soa também em nossos ouvidos o que nos pede a Conferência dos Religiosos no Brasil no horizonte do seu Plano Trienal 2019-2022: *“Nós, consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida”.*

NOSSA VISÃO Conferência

100. O pano de fundo importante, naturalmente, é aquele representado pelas conclusões da assembleia da Conferência dos Redentoristas na América Latina e Caribe. Tomemos, inicialmente, a dimensão missionário-pastoral do nosso Plano Apostólico: *“Em função das transformações históricas e sociais, as características e necessidades*

dos abandonados e pobres variam. Isso requer dos redentoristas espírito criativo, desapego a formas e métodos pastorais obsoletos e capacidade de interlocução com os novos sujeitos”. Lá se confirma “o princípio de que são as pessoas em suas realidades e necessidades que devem determinar as formas e métodos de nossa atuação pastoral e missionária e não o contrário”.

101. *“Há aqui uma preocupação com a recepção da mensagem evangélica que anunciamos e que deve chegar aos nossos interlocutores, pobres e abandonados, como boa notícia. Mantendo o conteúdo da fé cristã, por nossa proximidade aos pobres concretos de nosso Continente, com toda a Igreja Latino-Americana, somos desafiados em nossa sensibilidade pastoral à proclamação explícita da Palavra com novo vigor, novos métodos e uma renovada atuação pastoral”, esclarece o Plano Apostólico.*

102. A constatação do nosso Plano Apostólico, que resume a nossa visão da realidade complexa que nos envolve, pode ser a seguinte: *“Esta é a hora de Deus para nós, que nos chega através do gemido de nossos interlocutores, em sua realidade de sofrimento e abandono. Não bastam mais os discursos, é necessário hoje o testemunho de uma vida realmente evangélica que se manifesta na proximidade e na solidariedade com os abandonados e pobres do presente e do futuro. ‘O testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização’. ‘O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas’ – Paulo VI, Evangelii Nuntiandi”.*

Plano de Reconfiguração da Nova Unidade

103. Elaborado pelos três governos e os vogais, em agosto de 2019, este documento traz o nosso olhar sobre esse momento. O que Deus quer de nós? Assim, serve-nos como referência constante deste instrumento, resultado do nosso encontro, a passagem da carta de São Paulo aos Romanos: *“não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mentalidade, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12,2-3).*

104. Está claro para nós que a reconfiguração exige uma série de procedimentos burocráticos externos que precisam, a passos largos, ser encaminhados, porém, insistimos que a exigência maior é a aquela que vem de dentro. Daí, o pressuposto indispensável para viver este momento é metanoia, mudança de mentalidade. É perfeitamente compreensível que tenha havido quem era favorável ou não à reconfiguração das unidades, mas a partir de agora, é preciso reconhecer a missão bonita que cada unidade realizou até aqui e procurar discernir o modo de continuar respondendo aos apelos missionários de maneira nova. Anúncio e testemunho nas comunidades e nos ambientes de mídia por meio de obras concretas a serviço da vida dos pobres.

105. Tivemos a oportunidade de olhar para trás com gratidão: afinal, cada unidade, com suas forças e fraquezas, fez ressoar o amor do Cristo Redentor por meio da missão realizada até aqui. Mas, também, lançamos nosso olhar para frente, com esperança renovada, elencando prioridades para dar continuidade à missão que o Senhor Jesus nos confia. O critério para esse processo deve ser associado ao que Paulo orienta à comunidade de Tessalônica: *“não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias.*

Discerni tudo e ficai com o que é bom. Guardai-vos de toda espécie de mal” (1Ts 5,19-22).

106. Somos todos missionários, dedicados à realização da missão de Cristo Redentor. Lugares diferentes, diversas culturas, porém, um único ideal: anunciar o Evangelho de Cristo Redentor, como servos humildes e audazes (cf. Const. 6). É a missão que intensifica, vivifica e integra toda a nossa vida e serviço em prol da redenção. A partir disso, é que queremos buscar novos caminhos, alimentar novos sentimentos, renovar a consciência com um redimensionamento das estruturas para exercer nosso apostolado de modo eficaz. Essa é uma questão de mentalidade, de coração, e se converte para que, estando onde estamos, realizemos com criatividade a nossa missão.

NOSSA ESPIRITUALIDADE

Memória

107. Consideramos que a espiritualidade de Santo Afonso é bastante atual e possui elementos suficientes e necessários para que possamos responder aos desafios apostólicos da evangelização redentorista nos nossos dias. Por causa disso, alguns elementos como as devoções cristológicas de Santo Afonso precisam ser recordados por nós no confronto com a realidade complexa:

- **A Encarnação:** Expressão do infinito amor de Deus, na qual Jesus Cristo se faz em tudo solidário ao gênero humano, exceto no pecado, assumindo a nossa carne. A *Kénosis* se dá num duplo movimento enquanto descida e enquanto encarnação concreta na realidade dos pobres, o Senhor se faz servo; sem que haja uma verdadeira encarnação na vida e história concreta dos povos destinatários da evangelização, é impossível que esta seja autêntica.
- **A Cruz:** Expressão máxima do amor de Deus, ao assumir a Cruz, Jesus assume o confronto da história, e o faz como um “maldito de Deus”, assumindo o lugar dos abandonados, marginalizados e excluídos; assumir a cruz significa ficar abandonado, na solidariedade com os sofredores e excluídos; é aceitar o confronto. A Cruz manifesta a solidariedade de Deus com os crucificados da História, ele que no seu amor age para libertá-los.
- **A Eucaristia:** os dons ofertados no Pão e no Vinho, são frutos da terra e do labor humano, que, sob a invocação do Espírito Santo, a *Epiclese*, adquirem uma nova substância: são o Corpo e Sangue de Cristo. Vida doada. Quando alimentamos, o nosso organismo assimila os alimentos, que se tornam energia, fazem parte de nós. Alimentados pela Eucaristia, o Corpo e Sangue de Cristo, assimilamos a vida de Cristo, para que com ele, nele e por ele também sejamos capazes de doar a própria vida.

108. Além das devoções cristológicas de Santo Afonso, não se pode deixar de mencionar um dos pilares de nossa espiritualidade redentorista, Maria Santíssima. Santo Afonso foi um homem apaixonado pela Virgem Santíssima. É chamado de “devotíssimo” de Nossa Senhora. Para ele, Maria é o modelo mais perfeito para quem quer seguir Jesus Cristo, para quem deseja ser fiel à sua vocação e missão na Igreja.

109. O repositório de espiritualidade da nossa tradição redentorista tem uma riqueza enorme de reflexão que precisa ser constantemente visitada especialmente naqueles

volumes publicados pela Congregação e traduzidos em várias línguas com o título de “Espiritualidade Redentorista”. Além disso, esparsamente, podem-se encontrar trabalhos de teólogos nossos sobre o modo particular como nossos santos e beatos entenderam e vivenciaram nossa espiritualidade. Cabe particular destaque a São Clemente Maria Hofbauer que tanto significou na expansão da missão nos primórdios do nosso Instituto e que também pode muito nos inspirar nos dias atuais.

Interpretação da verdade no mundo midiático

110. Outro elemento de fundamental importância como critério para se interpretar a nossa missão é a proclamação da verdade neste mundo midiático. Papa Bento XVI, na mensagem aos comunicadores de 2009, já vislumbrava a evangelização num mundo midiático: *“A nova arena digital, o chamado cyberspace, permite encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para ser fecundos, requerem formas honestas e corretas de expressão juntamente com uma escuta atenciosa e respeitadora. O diálogo deve estar radicado numa busca sincera e recíproca da verdade, para realizar a promoção do desenvolvimento na compreensão e na tolerância. A vida não é uma mera sucessão de factos e experiências: é antes a busca da verdade, do bem e do belo”*.
111. O Papa Emérito ainda reforça a ideia de que é precisamente com tal finalidade da busca incessante pela verdade *“que realizamos as nossas opções, exercitamos a nossa liberdade e nisso - isto é, na verdade, no bem e no belo - encontramos felicidade e alegria. É preciso não se deixar enganar por aqueles que andam simplesmente à procura de consumidores num mercado de possibilidades indiscriminadas, onde a escolha em si mesma se torna o bem, a novidade se contrabandeia por beleza, a experiência subjetiva sobrepõem-se à verdade”*.
112. Faz-se necessário considerar, no conjunto orgânico de nossa missão, a dimensão do que se convencionou chamar de “pastoral digital” uma vez que é a diretriz capaz de cobrir as demandas de um mundo midiático, ou a ambiência digital, a ser tocado, cada vez mais pelo anúncio da Redenção Copiosa. A web é, hoje, local de relações, testemunho, formação, comunicação, e também encontro com Deus. O ambiente digital pode se tornar um lugar onde o homem cresça no seu conhecimento de Deus e em sua fé. As pessoas que estão na rede são religiosamente muito ativas. Desse modo, percebe-se que a internet é uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e modalidades, também na vivência da fé.

SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE

A interpretação consiste em aplicar perspectivas eclesiais e especificamente missionárias que a hermenêutica desenha, sistematiza e ordena, para bom entendimento da realidade complexa que se apresenta diante de nós e o aproveitamento de textos inspiradores. Na verdade, a interpretação se faz necessária justamente para que sejamos capazes de dar uma resposta correta à interpelação evangelizadora da realidade. Etimologicamente, todos sabemos, a interpretação vem do latim *interpretatio*, do verbo *interpretare* que significa explicar, traduzir, comentar ou esclarecer. E é esse o caminho percorrido nesta segunda parte do Plano Apostólico. A palavra do Magistério do Papa e dos Bispos, a menção aos religiosos e as contribuições da nossa congregação podem nos ajudar explicar o que devemos fazer, traduzir os desafios, comentar nossa ação e esclarecer prioridades. Desse modo, pode-se arriscar a resumir, interpretando, que a realidade complexa que nos aguarda como novo grupo redentorista nos pede assumir o “Igreja em saída”, em perspectiva de conversão de práticas pastorais e missionárias com especial atenção aos pobres e abandonados. Isso vai depender de disposição pessoal e, paralelo a isso, de uma abertura para o ser e fazer como comunidade apostólica.

DIRETRIZES PARA A AÇÃO MISSIONÁRIA NO MUNDO FERIDO

Conversão, criatividade e solidariedade

SUGESTÕES DE DIRETRIZES

Papa Francisco

113. Na *Evangelii Gaudium*, depois do Sínodo sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco incentiva para que todos tenham em conta alguns compromissos.

Transformação missionária da Igreja

114. Trata-se de um premente apelo a todos os batizados para que, com renovado fervor e dinamismo, levem aos outros o amor de Jesus num “estado permanente de missão”, vencendo “o grande risco do mundo atual”, o de cair “numa tristeza individualista”. O Papa nos convida a “recuperar a frescura original do Evangelho”, encontrando “novas formas” e “métodos criativos”, a não aprisionarmos Jesus nos nossos “esquemas monótonos”. Precisamos de uma “uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como elas são” e uma “reforma das estruturas” eclesiais para que “todas se tornem mais missionárias”. Nessa renovação, não se deve ter medo de rever costumes da Igreja. O Papa pede um contundente “não” a uma economia de exclusão, a uma nova idolatria do dinheiro, a um dinheiro que governa em vez de servir, à desigualdade social que gera violência, à acédia egoísta, ao pessimismo estéril, ao mundanismo espiritual e a à guerra entre nós. E ele pede um “sim” forte e vigoroso ao desafio de uma espiritualidade missionária e às relações novas geradas por Jesus Cristo.

Motivações para renovado impulso missionário

115. Francisco, no final do documento, realça algumas motivações para um renovado impulso missionário. A primeira é o encontro pessoal com o amor de Jesus Cristo que nos salva: “*A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial*” (EG, 264).
116. Outra motivação apresentada pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* é o prazer espiritual de ser povo: “*A Palavra de Deus convida-nos também a reconhecer que somos povo: ‘Vós que outrora não éreis um povo, agora sois povo de Deus’ (1 Pd 2, 10). Para ser evangelizadores com espírito é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte*

duma alegria superior. A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se alonga e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo. Lá descobrimos novamente que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado. Toma-nos do meio do povo e envia-nos ao povo, de tal modo que a nossa identidade não se compreende sem esta pertença” (EG, 268).

117. Uma penúltima orientação retirada da primeira Exortação Apostólica do Papa Francisco é a ação misteriosa do Ressuscitado e do Seu Espírito: *“Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele ‘vem em auxílio da nossa fraqueza’ (Rm 8, 26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos de O invocar constantemente. Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. É verdade que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsione para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundos!” (EG, 280)*

118. Por fim, com muita importância e ênfase, o Papa fala da força missionária da intercessão: *“Os grandes homens e mulheres de Deus foram grandes intercessores. A intercessão é como a ‘levedação’ no seio da Santíssima Trindade. É penetrarmos no Pai e descobrirmos novas dimensões que iluminam as situações concretas e as mudam. Poderíamos dizer que o coração de Deus se deixa comover pela intercessão, mas na realidade Ele sempre nos antecipa, pelo que, com a nossa intercessão, apenas possibilitamos que o seu poder, o seu amor e a sua lealdade se manifestem mais claramente no povo” (EG, 283).*

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

119. Nas Diretrizes para a Ação Evangelizadora no Brasil (DGAE), a Conferência dos Bispos sugere que seja assumido o compromisso de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária.

120. **CASA: ESPAÇO DO ENCONTRO** - Nossas comunidades precisam ser oásis de misericórdia, casas de oração profunda, de mergulho no sagrado. Lugares de encontro com Deus. Fica de lado toda burocratização. O encontro com Deus se dá na celebração cheia de vida, no silêncio que permite escuta, na harmonia que revela a beleza de Deus. O encontro com Deus é também intermediado pelo encontro com o irmão. O encontro com Deus e com os irmãos é espaço de santificação (GeE 145).

121. **CASA: LUGAR DA TERNURA** - Em nossas comunidades, a afetividade, a empatia, a ternura com os irmãos devem ser nossa marca: “revolução da ternura” (EG 88). É a linguagem da proximidade, do amor que toca o coração e a vida e desperta esperança. Por comungarmos do mesmo pão, na Eucaristia, na palavra e na vida, somos irmãos que caminham juntos e devemos compartilhar afeto mútuo; superar a superficialidade de relações mecanicistas, fundadas no fazer coisas. As comunidades eclesiais missionárias têm características proféticas; são lugares de reconciliação, de perdão e resiliência.

122. **CASA: LUGAR DAS FAMÍLIAS** - A família merece atenção renovada. Ela é o ponto de chegada para nossa ação pastoral e ponto de partida para a vida comunitária mais ampla. As famílias constituem-se como sujeito fundamental da ação missionária da Igreja, como Igreja doméstica, lugar de Iniciação à Vida Cristã. A comunidade eclesial missionária acontece de fato nos lares e grupos de família que se tornam núcleos comunitários, onde a Igreja se reúne para meditar a Palavra, rezar, partilhar o pão e a vida.
123. **CASA: LUGAR DE PORTAS SEMPRE ABERTAS** - Portas abertas para acolher e sair em missão ao encontro do outro, onde quer que esteja. Toda comunidade terá que ser porta de misericórdia para quem precisa. Cada comunidade deverá encontrar o caminho que o Senhor está indicando.

Plano Apostólico da Conferência

124. Levando em consideração que nossas realidades no Nordeste, Centro-Oeste e Norte do Brasil não coincidem literalmente ao amplo horizonte de respostas formuladas para o continente, tomemos aquelas que nos oferecem luzes mais de perto.
125. **ATENÇÃO AOS MAIS FRACOS E EMPOBRECIDOS** - Em todas as áreas de atuação missionária e de inserção dos confrades em situações e realidades de urgências missionário-pastorais, será necessário priorizar a atenção aos mais fracos e empobrecidos.
126. **PREGAÇÃO RENOVADA** – Em modalidades de ação missionária tradicionais como as missões populares, retiros, novenas, exercícios espirituais, é preciso considerar a renovação de método e conteúdo.
127. **ATENÇÃO À RELIGIOSIDADE POPULAR** – Um elemento importantíssimo, considerando a presença de santuários em nossas unidades, que convergem para uma união. É preciso considerar a religiosidade popular como experiência espiritual e lugar teológico-pastoral na evangelização.
128. **EMPENHO PASTORAL EM LUGARES ESPECIAIS** - Santuários, igrejas não-paroquiais, estações missionárias, centros missionários, lugares de acolhida e de aprofundamento da fé, todos esses trabalhos são expressão de uma Igreja profética e solidária.
129. **ATUAÇÃO EM PARÓQUIAS VERDADEIRAMENTE MISSIONÁRIAS** – O Plano Apostólico da Conferência realça características que fazem com que se possa considerar esse termo “verdadeiramente”. Nas paróquias, portanto, é preciso que sejam expressivas as seguintes ações: propiciem uma formação catequética e pastoral que fortaleça a fé e leve a um compromisso evangélico, que transcenda o nível sacramental e meramente intraeclesial; fortaleçam a vivência de uma espiritualidade encarnada, comprometida com o Reino e a justiça, reforçando a dimensão transformadora da fé; cultivem e fortaleçam a perspectiva da itinerância missionária, buscando as pessoas em seus ambientes e realidades, não restringindo a ação pastoral aos templos e aos espaços comunitários; dediquem especial atenção aos pobres e abandonados a partir das pastorais sociais (de promoção da dignidade humana e de assistência) e da presença

solidária em seu meio. Além disso, o Plano Apostólico recomenda que essas paróquias procurem observar: a descentralização da ação pastoral, formando uma rede de Comunidades solidárias entre si, nas quais seja fortalecida a perspectiva de uma Igreja toda ministerial; tenham sempre a preocupação com a formação e o aprofundamento da fé, abrindo-se a uma participação mais efetiva de leigos/as nas decisões e nos ministérios pastorais. E não deixem de aprofundar a dimensão missionária da Igreja, pela capacitação das pessoas para enviá-las em missão em apostolados sociais e eclesiais. Toda essa questão pressupõe que o missionário esteja imbuído desse espírito, consciente desse modo de ser cristão/Igreja, que os fiéis também desejem fazer esse itinerário, senão será “bater em ferro frio” e será necessário seguir o conselho de Jesus: “sacudi a poeira dos pés e ir para outro lugar” (Cf Mt 10,14). Nota-se que não temos tratado desse tema de maneira a nos dar elementos de eclesiologia e de Pastoral. Precisamos pautar esse tema em nossas assembleias, nas circulares do Superior Provincial e na formação de nossos estudantes.

130. **FORTELECIMENTO E DESENVOLVIMENTO DAS PASTORAIS SOCIAIS** - Fundamentados nos princípios e orientações da Doutrina Social da Igreja, para a promoção humana, a luta por justiça e paz, a afirmação e cuidado da “casa comum”.
131. **REFLEXÃO ESPIRITUAL E TEOLÓGICO-MORAL** para a formação da consciência e o fortalecimento do sentido ético na sociedade.
132. **ADEQUADA UTILIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA** e das Tecnologias Interativas de Comunicação Social (TICs) como veículos de evangelização.
133. **VALORIZAÇÃO DA VOCAÇÃO DOS LEIGOS/AS**, assumindo-a como uma opção apostólica, propiciando espaços de missão partilhada.

Nossas Unidades

134. Na assembleia dos representantes das três unidades, realizada em Fortaleza, em fevereiro de 2020, os confrades disseram que não poderiam ficar fora do Plano Apostólico da nova unidade as seguintes questões: o cuidado com o bem-estar do confrade ferido em crise; criação de uma instância para ver as fragilidades e qualidades do confrade; a renovação espiritual que passa pelo zelo, pela motivação, abertura e conversão espiritual; o fortalecimento de cada região geográfica para uma passagem mais lenta, através do diálogo até o fim das fronteiras; o processo formativo deve ser filtrado com critérios claros, com confronto, direções e com testemunho de vivências; definição clara do rosto dos interlocutores para uma ação missionária mais efetiva.
135. Ainda foi reforçado que não nos esqueçamos que Jesus Cristo é o centro; o testemunho da Copiosa Redenção; o resgate da vida fraterna; o resgate da condição missionária e da dimensão oracional na nossa vida. Além disso, os confrades reforçaram que temos de cultivar uma sintonia e diálogo com as grandes questões culturais de hoje; precisamos entender o que é prioridade em cada unidade para buscar um caminho comum, visando a realidade de cada região; precisamos de reconciliação com os nossos destinatários; de renovação Espiritual e Conversão pessoal; de maior zelo com a vida apostólica das comunidades; devemos apresentar, com clareza, o perfil do Missionário Redentorista aos candidatos à vida Religiosa.
136. Por fim, os confrades consideraram que é importante que exista uma rotatividade dos confrades nas comunidades e funções; será essencial não faltar a

conversão pessoal de modo que cada confrade tenha um sentimento de pertença; o desprendimento das estruturas e projetos pessoais; é preciso estarmos atentos à realidade do nosso país; é necessário corresponsabilidade nos processos de reconfiguração; tudo isso de maneira a promover integração pessoal, missionária, formativa e econômica financeira.

Missão Digital

137. Para abraçarmos, concretamente, com adaptações em cada ambiente, o desafio que a Igreja tem para inculturar o Evangelho no mundo midiático, é preciso considerar que nele a Palavra não é entendida como verdade absoluta e inquestionável. O mundo midiático, na verdade, torna-se o palco onde a Verdade revelada entra em choque com a liberdade de opinião e a Igreja não representa mais uma autoridade absoluta e passa a ser vista como uma autoridade entre outras.
138. Na verdade, a sociedade em rede em si não se opõe à fé e à religião, apenas não lhe dá privilégios, segundo estudiosos como o Pe. Clóvis Melo, ex-assessor de comunicação da CNBB. É ele também que apresenta um trecho iluminador do Diretório de Comunicação da Igreja, documento que ele próprio ajudou a elaborar: *“a presença da Igreja no ambiente digital é incentivada por ser um lugar de testemunho e anúncio do Evangelho. Isso exige que os cristãos presentes na rede consigam ir além dos instrumentos e tomem consciência das mudanças fundamentais que as pessoas e a sociedade experimentam nesse contexto”*. (n. 175)

SÍNTESE

As diretrizes expostas nesta terceira parte do Plano Apostólico podem dar a estrutura, a base para o detalhamento de conteúdo e de competência nas linhas de ação evangelizadora da nossa Nova Unidade redentorista. Pode-se abstrair que seguiremos as indicações da *Evangelii Gaudium*, dos bispos do Brasil e, particularmente, daqueles que são responsáveis pelas Igrejas Particulares onde nossa nova Província vai atuar e, naturalmente, as indicações do Plano Apostólico da Conferência dos Redentoristas da América Latina e do Caribe e dos documentos que produzimos nesse caminho de reconfiguração. Em tudo isso se destacam: um trabalho missionário marcado pela compreensão da Igreja como “casa”, como lugar de portas abertas para acolher, também os excluídos e afastados; criar redes de comunidades solidárias entre si, incentivar uma Igreja ministerial, o desenvolvimento das pastorais sociais e de uma reflexão espiritual e teológica, especialmente no campo moral; valorização do leigo e leiga, cuidar dos confrades feridos e o desprendimento das estruturas.

LINHAS DE AÇÃO APOSTÓLICA NA NOVA UNIDADE

Novos caminhos

OITO LINHAS EM DESTAQUE

139. Linhas de ação precisam orientar uma forte agenda de trabalho e não repetir elementos de doutrina que já foram apresentados nos capítulos anteriores. Precisamos apoiar os trabalhos apostólicos em curso e suscitar iniciativas de transformação para o futuro do novo grupo. Precisamos ter critérios interconectados e transversais nas linhas de ação propostas no Plano Apostólico.

[1] Exigir fidelidade do Governo ao Plano Apostólico

140. Ao se realizarem eleições para a escolha do governo da nova unidade, recomenda-se observar, em assembleia, critérios definidos pelas três unidades. Desse modo, os confrades poderão entender que os eleitos estarão dispostos a realizar a animação estatutária do governo provincial baseada nesse Plano Apostólico e não na forma individual ou grupal que poderão entender o modo como deve ser a caminhada da província/conferência/congregação. E, claro, iniciar um cronograma de elaboração de um verdadeiro Plano Apostólico no primeiro quadriênio. A figura da liderança, especialmente, presente no governo provincial deve ser mais aprofundada e considerada no momento de se buscarem nomes para compor uma nova coordenação provincial.

[2] Evangelizar como comunidade apostólica

141. Esse elemento, presente desde as nossas Constituições Gerais, passando por vários documentos no decorrer de nossa história, precisará tomar consciência dos fatos relevantes, próprios da vida apostólica, como uma de suas prioridades máximas na criação da nova unidade. Será necessário reforçar a comunidade apostólica como realidade concreta. A eficácia do nosso serviço aos últimos desse mundo será proporcional a um sentimento comum capaz de ativar a prática de solidariedade que se expressa nos métodos de trabalho e nas abordagens que fazemos. Desaparecem “lá na minha vice-província” ou “na minha província” para o surgimento do “nós” em uma consideração compartilhada que não nega a diversidade do passado, mas não se apega a ele, impedindo o seguimento da nossa história. Desse modo, nossas casas conseguirão ser um espaço habitável, inclusivo e sustentável para todos.

[3] Apostar na formação continuada

142. O Plano para a formação básica vai refletir a Vida Apostólica da nova unidade e, por isso, é preciso que os formadores levem este Plano de Vida Apostólica inteiramente em consideração. Além disso, é preciso que nos comprometamos – ao formarmos um novo grupo na Congregação – com um programa de formação continuada. Nesse programa, será importante mapear boas práticas de trabalho apostólico. Não

inventamos a pólvora e não somos uma ilha missionária. E, no espírito solidário recomendado pela Conferência, precisamos ouvir mais outras experiências, além de desenvolver um caminho de formação redentorista com os leigos, aprofundando fontes da espiritualidade de Santo Afonso, levando em conta o diálogo com a cultura contemporânea, as dinâmicas de grupo e uma perseverante prática de avaliação. Evangelizar também se aprende, se dimensiona a partir de realidades novas e que se reassumem, a partir da fidelidade à vontade do Pai, da luz do Espírito que moveu o Redentor e do fluxo da graça de Deus derramada em nossos corações. Um acento merece ser apresentado como um apelo à Nova Unidade constituída: privilegiem a formação dos leigos colaboradores, os missionários leigos redentoristas.

[4] Avaliar os trabalhos tradicionais

143. Uma vez que um novo corpo missionário é formado, é preciso que se instale um processo de avaliação dos trabalhos assumidos na caminhada de cada uma das três unidades logo no início do primeiro quadriênio, com metodologia inteligente de forma a não ofender as razões que levaram à adoção desses trabalhos, mas possibilitando uma nova afirmação dessas atuações missionárias. Evitar o rápido e perigoso “deixar isso ou aquilo”, cada comunidade deve produzir um inventário contemplando as dimensões histórica, institucional e pastoral; para engendrar esse processo, incluam confrades conhecedores de cada frente, confrades distantes, leigos colaboradores e, principalmente, a escuta dos pobres, os interlocutores da nossa ação apostólica.

[5] Fomentar a audácia apostólica

144. No movimento de conhecimento entre os confrades e nas novas disposições de equipes para a continuidade da nossa ação apostólica, garantir um espaço para o início de processo para formular e amadurecer novas e audaciosas iniciativas apostólicas para a nova unidade, baseados nos enunciados do Plano Apostólico. Naturalmente, será necessário imunizar o grupo contra o vírus dos arroubos pessoais sem conversão interior e das lideranças autoritárias.

[6] Comprometer-se com a caridade social

145. O amor do Redentor transformado em gestos concretos exige que nossa nova unidade reconheça a necessidade e trabalhe, arduamente, por uma forte organização de caridade social. Caridade social entendida como fruto da fé professamos e não como discurso político-ideológico, como nos exorta o Apóstolo: *“Se um irmão ou irmã sofrer por falta de vestuário, ou por passar fome, e lhe disserem: ‘Procura viver pacificamente e vai-te aquecendo e comendo como puderes’, e não lhe derem aquilo de que precisa para viver, uma tal resposta fará algum bem? Assim também a fé, se não se traduzir em obras, é morta em si mesma (Tg 5,15-17).*
146. Nesse movimento, as preocupações devem ir além da organização jurídica de obras sociais e, em parceria com outros órgãos, fazer acontecer com bom êxito esse serviço, ganhando assim espaço no debate apostólico com o mesmo empenho dado à pregação. Nesse sentido, reafirmamos que deve ser um projeto da nova unidade e não apenas de um trabalho isolado, de um confrade, mas da comunidade que está representando toda a unidade. Não se justifica mais o predomínio do preconceito contra as obras assistenciais, encobrendo um necessário compromisso concreto, real e direto na organização da caridade aos mais desesperançados tanto em nível de sua promoção

humana integral quanto na conscientização coletiva com acento na dimensão política e transformadora.

[7] Trabalhar em rede

147. Conceitos de tecnologia e de relacionamento contemporâneos podem nos ajudar muito. O trabalho em rede é um deles. O mundo laico já aprendeu essa lição; nós, ainda não. Seu ponto de apoio e de partida é sempre a disposição de perceber as interconexões entre o local e o que a província faz no seu conjunto. E esse trabalho não depende, necessariamente, das infovias informatizadas para existir, apesar de ser potencializado por elas. O trabalho em rede respeita, simplesmente, o princípio de apoiar uns aos outros independente do apostolado em que eles se encontram, evoluir em fidelidade como grupo e transformar em conexão contínua uns com os outros. Para isso, precisamos superar a “departamentalização” que nos dá a falsa segurança de que algumas discussões não nos dizem respeito.

[8] Promover a alegria

148. Com a palavra, Papa Francisco: *“O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada [...]. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado”* (EG,2). No âmbito desse apelo à alegria feito por Papa Francisco, consideramos de importância fundamental o cuidado com a vida integral de cada confrade. Há feridas a serem curadas. E devem ser movidos os instrumentos necessários para que as pessoas sejam revitalizadas em suas estruturas físicas, emocionais e psicológicas, ainda que para isso seja necessário ajuda profissional.

PRIORIDADES MISSIONÁRIAS E APOSTÓLICAS

149. Em Fortaleza, na reunião de fevereiro de 2020, os confrades, depois de trabalhos feitos em grupo, deixaram uma indicação sobre quais prioridades e meios refletem as urgências da nossa ação pastoral na futura província.
150. Segundo se pode verificar no Plano Apostólico de nossa Conferência, há uma diferença entre prioridades missionárias e prioridades apostólicas. As primeiras *“referem-se àqueles aos quais somos enviados ou os interlocutores-destinatários preferenciais de nossa missão – os mais abandonados e pobres”*. E as prioridades apostólicas *“correspondem a nossa atividade apostólica e nossos ministérios, isto é, o que fazemos para servir aqueles aos quais somos enviados”*.

Prioridades missionárias

151. Como prioridades missionárias, ficaram indicadas as seguintes: pobres nas periferias urbanas, rurais e existenciais; jovens em seus diversos contextos; idosos abandonados; famílias em situação de precariedade, divisão e ameaças de desintegração; mulheres em situação de violência; os pobres originários (indígenas); missão africana.

Prioridades apostólicas

- 152.** Como prioridades apostólicas: atenção aos mais fracos e empobrecidos; atuação em paróquias verdadeiramente missionárias; valorização da vocação dos leigos das unidades, assumindo-a como uma opção apostólica, proporcionando espaços de missão partilhada nos projetos comuns da conferência e missão *Ad gentes*, considerando, no entanto, que a nova unidade leve em consideração a presença e o compromisso de confrades que assumem a missão *Ad gentes*, especificamente na África, que é uma prioridade da própria Congregação; atenção à religiosidade popular como experiência espiritual e lugar teológico-pastoral na evangelização do povo; o fortalecimento e desenvolvimento das pastorais sociais fundamentados nos princípios e orientações da Doutrina Social da Igreja, para a promoção humana, a luta por justiça e paz, a afirmação e cuidado da casa comum; adequada utilização dos meios de comunicação com fomentação mais incisiva para formações, retiros, exercícios, leituras acompanhadas dos textos bíblicos e até mesmo dos textos de Santo Afonso; pregação renovada das santas missões redentoristas, retiros, novenas, exercícios espirituais; empenho pastoral em estações missionárias e centros missionários; comunidades de inserção; preocupação com a qualidade e profundidade de nossa vivência de espiritualidade com a criação de formação na linha da direção espiritual voltada tanto para religiosos quanto para leigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somar forças onde estamos

- 153.** Não ceder à tentação de ampliar a missão buscando novas realidades sem antes reforçar o trabalho que já é feito nas periferias das cidades onde estão nossas comunidades apostólicas.

Lugares autênticos da missão

- 154.** Definir linha de ação de modo tal a contemplar os lugares que têm características explícitas da nossa missão, como lugares onde a carência de sacerdotes e religiosos apela para nossa solicitude missionária redentorista e para o tradicional compromisso de ir aonde ninguém quer ir.

Desafio da capital da República

- 155.** Há uma necessidade de inserir Brasília nos planos da nova província que vai surgir. Como capital federal, Brasília carrega consigo um significado religioso e cultural que pode ser ampliado. Como sugere o Papa Francisco, somos chamados a lançar a rede em águas mais profundas; considerar de modo especial o trabalho na região administrativa de São Sebastião.

Pregação de retiros

- 156.** Precisamos resgatar em nossa ação concreta uma prática tradicional da Congregação, que é pregação de retiros para o clero e para os leigos e isso significa favorecer a formação de confrades para prestar esse serviço, criar espaços para essa prática e divulgar essa nossa ação apostólica.

PASTORAL DIGITAL

157. Como ação concreta final, a necessidade de estudar o novo paradigma da midiatização para se descobrirem as implicações desse novo mundo na missão que realizamos como redentoristas. A comunicação e suas tecnologias estão nos primórdios da história do nosso Instituto. Santo Afonso, segundo os pesquisadores, trocou editores de Nápoles pelos de Veneza somente pelo fato de que de lá os livros eram mais facilmente distribuídos pela Europa. Ele tinha uma visão arrojada sobre a difusão da informação e, por isso, investia em estratégias mais eficazes e audaciosas, ainda que mais difíceis e mais distantes.
158. Além do próprio conteúdo no ambiente digital, é preciso assegurar que todos os outros trabalhos missionários sejam considerados em sua dimensão midiática. É urgente que, nos centros missionários, nas paróquias, nos santuários ou em qualquer outro trabalho, estejamos atentos às incidências do modo novo e midiatizado que as pessoas acolhem qualquer conteúdo como também o jeito novo de se relacionar. Esses pressupostos devem acompanhar a elaboração dos planos de pastoral.

SÍNTESE

O plano Apostólico inteiro, na verdade, é a definição de uma linha de ação, porque ele precisa garantir e manter dinâmica a linha de ação apostólica na nova unidade e dele será necessário brotar iniciativas de transformação para o futuro, na fidelidade, com criatividade e conversão dentro de um mundo ferido e midiatizado, seguindo criteriosamente o que as três unidades definiram, com um cronograma de supervisão e ajustes. Nossas casas precisam se tornar, cada vez mais, espaços habitáveis, inclusivos e sustentáveis. Os formadores precisam levar as orientações dessas linhas de ação inteiramente em consideração e incentivar o programa de formação contínua, abertos a experiências novas, incluindo os leigos e leigas. É importante que avaliemos no início os trabalhos tradicionais, fomentando audácia apostólica e nos imunizando contra o vírus do individualismo e assistencialismo. Também é importante a fidelidade ao grupo, trabalhando juntos, em rede, superando a prática de departamentos desconectados do corpo da nova província. Nessa perspectiva, essas linhas de ação abrem espaço para que a alegria tome conta da nossa vida pessoal e comunitária diante da renovação da qualidade da missão que realizamos, juntos, seguindo o Pai Eterno, como o fez Santo Afonso, à luz do Espírito Santo, com as bênçãos da Mãe do Perpétuo Socorro, tendo Jesus Cristo como o centro.

CONCLUSÕES

159. **TEXTO ABERTO** - A trajetória da elaboração do Plano Apostólico desde o texto-mártir até o texto aprovado na 2ª assembleia das três unidades, partindo da subcomissão, passando pelos secretariados de vida apostólica e voltando para a comissão e a assembleia, mostrou que houve interesse e participação, mas não o suficiente; houve boa vontade na elaboração do conteúdo, mas ainda não é completo a ponto de ser um texto definitivo; houve debate, mas o tempo e o número de debatedores não contemplam um processo que possa significativamente ser chamado de participativo. Em vista disso, o Plano Apostólico torna-se um texto referencial e indicativo para o novo governo e as comunidades se posicionarem e abraçarem a missão com liberdade e criatividade.
160. **TEXTO INSPIRADOR** - A reconfiguração se faz em vista da missão, isto é, todos os caminhos devem nos conduzir a uma expansão missionária. Nesse sentido, o trabalho realizado pelo grupo, considerando a redação, o debate e as consultas pode sugerir a validade do conteúdo no sentido de ser um texto merecedor de retomadas constantes nas comunidades e portador de orientações para fortalecer nossa missão. Nesse sentido, convém realçar a importância das citações como textos que podem ser tomados, à parte, para aprofundamentos futuros.
161. **TEXTO COMO FERRAMENTA** - Um Plano Apostólico deve ser sempre revisitado para a revisão da caminhada, para o discernimento sobre decisões tomadas, pontos a serem trabalhados com maior afinco. Além disso, o Plano também pode servir de fonte para iniciativas de produção de novos textos que nos ajudem na caminhada. O Plano, em sentido mais largo, poderia ser considerado uma “Constituição” que define a moldura maior do nosso apostolado, trazendo inúmeras possibilidades internas.
162. **TEXTO PARA FAVORECER ELEIÇÃO DE PRIORIDADE** - O debate sobre o Plano deixou ainda pendente a questão do entendimento e prática na definição de prioridade no trabalho, considerando tanto a percepção de cada uma das unidades e as definições já feitas pela Igreja, pela Congregação e pela Conferência. Em vista disso, o texto do Plano garante a continuidade da discussão de modo a favorecer a escolha de prioridade por períodos novos e de acordo com a percepção a partir da experiência de um grupo novo, da Nova Unidade.

Goiânia, 28 de outubro de 2021

Assembleia das Três unidades [Fortaleza, Goiás e Recife], em Trindade (GO)
Subcomissão de Reconfiguração para a Vida Apostólica

